CARLOS DEVINELLI

DIRETRIZES DE JOÃO RIBEIRO

(ENSAIO CRITICO)

ZELIO VALVERDE
RIO

DIRETRIZES
DE
JOÃO RIBEIRO

CARLOS DEVINELLI

DIRETRIZES DE JOÃO RIBEIRO

(ENSAIO CRÍTICO)

☆

Livraria Editora ZELIO VALVERDE
Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2956
RIO DE JANEIRO
1945

DO AUTOR

FICÇÃO

"*Bonecos que sangram*", romance esgotado (1.ª ed., Calvino Filho, 1934 — 2.ª, Brasilea Ed., 1937).

SOCIOLOGIA

"*Política Brasileira*", Ed. Zelio Valverde, 1942.

TEATRO

"*Mundo Interior*" e "*Rosa de Jericó*", comédias em 3 atos, estreadas a 29 de abril e 8 de maio de 1942, no Teatro Santana, de São Paulo, pela "Companhia de Comédias Carlos Devinelli".

CONFÊRENCIAS

"*Fundamentos da Arte de Representar*", "*Aspectos da Pintura Brasileira*", realizadas, respectivamente, a 6—7—1943 e 27—6—1944, no Salão Nobre do Liceu Literário Português, sob os auspícios do "Instituto Brasileiro de Cultura"".

"*João Ribeiro, humanista*", proferida a 22—6—44, na Sociedade Alberto Torres, patrocinada pelo "Instituto Brasileiro de Letras".

A SAIR

CRITICA

"*Psicologia do Elogio*".

LITERATURA INFANTIL

"*Biografia do Bicho-Carpinteiro*".

À

ACADEMIA

BRASILEIRA

DE

LETRAS

* * *

AO

INSTITUTO

HISTÓRICO

E

GEOGRÁFICO

BRASILEIRO

MISSÃO DOS NOVOS

JA' se vai fazendo sentir a necessidade de restaurar em perfis críticos ou biográficos, a figura singular de pensador e esteta que foi João Ribeiro.

Mal conhecido de muitos e ignorado pelos que se furtam ao labor das honestas e pacientes pesquisas, êsse vulto inconfundível da cultura brasileira não deve e não pode esmaecer na celebração da juventude estudantil, e muito menos no entusiasmo dos que, acima de tudo, presam a evolução do pensamento nacional.

O ilustre professor e acabado homem de letras, pela sua posição de escritor e mago do magisterio pátrio, está a exigir um estudo profundo e bem orientado de sua vida, tôda dedicada ao desenvolvimento e apuro da nossa titubeante mentalidade.

Nenhum brasileiro trabalhou mais, e mais devotadamente, nesse sentido, do que mestre Ribeiro, o professor de sol a sol, o divulgador constante das conquistas espirituais do gênero humano. A sua existência transcorreu ininterrupta, entre aprender e ensinar. Não foi, absolutamente, apenas um gramático, como é de uso classificá-lo, mas um homem

de sensibilidade vária, dominando múltiplos aspectos da vida, assenhoreando-se num relance, dos mais delicados problemas científicos e morais de sua época.

Íntimo dos idiomas básicos, perlustrava-lhes a cultura, dando, em seguida, em palestras, ou pelos jornais, de que tanto se serviu, as mais brilhantes sínteses do seu invejável acervo de conhecimentos.

João Ribeiro foi um espírito voltado para as concessões. Imutável no trato, sempre igual de sentimentos, não havia como se lhe alterar a bonhomia de ânimo. Sadio de corpo e alma, constituira-se no pastor-escravo de seus semelhantes. Preciso, claro, e além do mais, bom entendedor, era um prazer ouví-lo, e grande orgulho proporcionar-lhe uma revelação. Tímido, como talvez não se aponte segundo, tinha por praxe desculpar-se sempre que facilitava um ensinamento. Achava-se bisonho, e os seus escritos encerravam, invariàvelmente, as excusas do inacabamento. E, no entanto, quem mais completo e generoso do que êsse Larousse ambulante, de páginas ao vento, seguro e sempre solícito distribuidor de achêgas e contribuições de primeira ordem? Nunca escreveu um artigo contando com os seus leitores. Jamais ultimou um livro admitindo a sua procura no editor. Era dos que se julgavam fora da órbita do interêsse. Dava de si, porque em si não podia ter o seu tesouro. A sua cultura derramava-se como o líquido que extravasasse a capacidade do continente. E ruborizava ao ver-se assediado pelos que lhe disputavam as sobras da privilegiada organização mental.

Homem padrão pela sobranceria de caráter, ímpar na feição pessoal, João Ribeiro, por assim dizer, não teve continuadores. Deixou uma lacuna no meio social em que viveu e se agitou singularmente. Como ninguém, desejou ser útil. Mas desconfiava da sua utilidade. A rigor, a sua modéstia era uma irremediável conseqüência do provincianismo que o alagava dos pés à cabeça. Cheirava à terra virgem como um caboclo. E conservava, no pavilhão auricular, a prevenção ingênua dos inofensivos. Sabendo-se um incapaz para revides fulminantes, temia as ofensas para não sofrer o desencanto dos bons. A maledicência parecia-lhe uma lepra, e nunca dardejou para ferir de morte o agressor. Provocado, não dava ouvidos. E se arrastado à refrega, protegia o florete com compressas de água e sal. Era pela verdade, nunca pela vitória. Pranteava os adversários e lamentava não ter guarida em seus corações.

João Ribeiro deve ter sido um desajustado, como de resto, todos os que desfraldam a flâmula da compreensão mútua. Inocentemente, sonhava com a fraternidade entre os homens. Tinha o exemplo na harmonia universal, e tentava a reeducação dos mortais, com a disciplina das estrêlas. Místico sem religião, adorava a sabedoria dos astros, esquecido de que o mundo é o purgatório dos poetas.

Mestre Ribeiro, na agitação resignada de seus dias, primou pela compassividade. Era um apressado sem destino, perdido no turbilhão da vida prática. Tinha preguiça do corpo, que o impedia de chegar antes da hora em espírito. Desejou, por certo, uma humanidade hertziana, que desse o seu recado

sem atravancar os quatro cantos do planeta. Ao contrário, porém, do que esperava, via-se, cada vez mais, apertado nas grilhetas inquisitoriais das paixões mundanas. A lógica da vida lhe deveria ter parecido a perfeição na face da terra. Mas os homens, subvertendo a imagem das afirmações, baniram a lógica da perfeição, em apôio à realeza dos instintos. E era a animalidade do ser pensante que o acovardava. Arreceava-se mais dos homens do que das féras. A fauna social tinha-a como um perigo iminente. No entanto, estudava zoologia e perqueria os maxilares de um felino com o sangue-frio de um numismata ou colecionador de asas de borboletas. E' que a perversidade humana se abastece no celeiro das hegemonias, ao passo que os irracionais só utilizam as prêsas contra os adventícios profanadores do seu **habitat.** João Ribeiro, como um novo Bernardone, irmão de paquidermes e andorinhas, reduzia a vida, nas ternuras do seu laboratório mental, à fórmula simples do amor a tôdas as coisas. E até aos homens amava, mau grado temê-los...

Estudando-se, dedicadamente, a vida dêsse estranho intelectual, nela poderemos colhêr os mais raros exemplos de uma impoluta formação interior. Aparentemente um introvertido, mestre João não era senão um silencioso. Mas dentro dêsse silêncio, catedralesco ou quase sepulcral, era um dínamo em permanente estado de comunicabilidade. Em verdade, João Ribeiro só não pensava nele próprio. Não se tinha em conta, e na estatística das suas cogitações assinalava-se, é de crer, por um ponto de interrogação. De fato, que pensaria dêle mesmo? Tão simples, de uma simplicidade rigorosamente

filosófica, não lhe deveria ser fácil encontrar-se, num viveiro humano morfològicamente tão variado e deficitário de caracteres íntegros. A condição de vivente leva o homem a perder-se no remoinho das competições. E João Ribeiro destacava-se de seus iguais pela renúncia. Nada pretendia e deixava que a vida o conduzisse. Não possuía riquezas, mas se as tivesse, poderiam despojá-lo de tudo contanto que lhe deixassem as páginas de alguns livros, a fonte onde dessedentar-se nos seus delírios especulativos. Visceralmente puro, não soube preparar o amanhã. Trabalhou para os dias que passam, desavisado da segunda existência. Foi amigo dos vivos, suprindo-lhes, a bem dizer, inconscientemente, os alforges. Mas, desatendeu aos reclamos da sua própria continuidade. O céu dos homens de pensamento está nas graças do futuro. E estas, só as obtêm, os que não confiam na memória do tempo.

Sou dos que admitem que os homens mais esquecidos contam-se, via de regra, entre os que mais assinalados serviços prestaram ou tentaram prestar à sua pátria. Quando um nome, embora extraordinário, não logra insinuar-se no calendário das comemorações oficiais, temo-lo, de comum, adormecido na lembrança dos pósteros, e, como tal, inteiramente alheio às indagações da vida que se multiplica.

E' doloroso consignar-se esta verdade, mas, infelizmente, ela se afirma a cada momento, e os exemplos avultam, trazendo-nos a amarga certeza de que o esquecimento é moeda corrente, de valor assegurado em tôdas as eras, sem oscilações cambiais ou particularidades de cunho.

A humanidade constituiu-se para o exercício imperturbável da ingratidão, e é deslembrando, que ela se desempenha do excelso mandato da indiferença. **Tolitur effectus sublata causa.** Mas, não deve ser assim. O homem não é o efeito da vida, mas a vida, a sua conseqüência imediata. Não devemos ter presentes, apenas, os que comungam na adversidade dos nossos dias. Muitos dos que cumpriram seu destino sem os alardes e as ostentações de sêres privilegiados são em essência, enormemente mais exemplares e dignos de memória, que outras tantas existências de fulguração mais à flor da pele, cujo mérito, entretanto, devidamente apurado, não ultrapassa a boa vontade de certos consórcios manufatureiros de gênios de improvisação.

Infinitamente prosáicos e de elementar revestimento arbitral deixamos, não raro, soterrados na precariedade de nossa justiça, os mais edificantes modelos de altivez, de pudorosa e discreta sapiência, de elevados e inconturbáveis sentimentos. O senso de profundidade como que escapa ao nosso conteúdo analítico. Aligeiramo-nos na forma de apreciação dos valores, festejando a fugacidade dos graus de superfície, celebrando as arremetidas sem lastro nas arcas do conhecimento puro, transferindo ao reluzimento intermitente de legiões de medíocres, o fogo divino de verdadeiros acabamentos mentais, quase sempre vítimas de uma modéstia implacável, e, por êste mesmo motivo, invariàvelmente lesados para a coexistência na posteridade.

A faculdade de percutir como que nos é ausente. Somos matéria dúctil, informes, sem sistematização crítica, e percorremos, seduzidos pela **coquetterie** dos tempos cada vez mais modernos, os atalhos em que fulgem as glórias de lantejoulas, onde gotejam bagas de falso suor, efígies sorridentes de santos ou heróis mal caracterizados.

Assombramo-nos diante do todo, mas desfalecemos face à tarefa de penetração no âmago das coisas. Temos a idéia do movimento, ou percebemo-lo, e basta-nos o movimento. Voltar à estática, para verificar-lhe a origem, é encargo que já não cumpre ajuizar.

Retrato do século? Não, da eternidade. O homem é desinteressado do pretérito, por sua própria natureza. Vê-se no espêlho frontal dos seus egoismos e das suas ambições. Despreza o semelhante de ontem porque se julga ímpar. O utilitarismo assoberba as gerações que se sucedem, e o ser humano embora deturpando a obra de Deucalião, também não olha para trás. Vive o seu momento, e fixa o horizonte, com mêdo das pedras da mitologia.

No entanto, que de tesouros vamos deixando desfigurados na poeira das horas perdidas, ou no sopé das montanhas, em que a vegetação do **je m'en fiche,** num abraço de filisteu, secando-lhes as lágrimas de cristal, sutura as margens de humildes e confiantes regatos!

João Ribeiro é uma dessas águas mansas, sôbre as quais se estendem as ramas profanas do esquecimento nacional. O decenário de sua morte passou sem demonstrações de culto. Talvez, apenas lembrado em família. A rigor, teria sido, mesmo essa,

a sua vontade. Considerando-lhe a posição espiritual, de superlativa timidez, assumida no seio dos mortais, não seria de estranhar nenhuma repulsa aos frenesis comemorativos da invulgar personalidade que o distinguiu por tôda a vida. Despreocupado como foi, impenetrável às ilusões e aos deslumbramentos do ciclo terreal, é bem de crer se dispusesse a subscrever o conceito clássico das transitoriedades dêste mundo: **Homo humus, fama fumus, finis cinis...**

Mas, que assim fôsse. Aos beneficiários do seu apostolado impõe-se o dever de quebrarem-lhe a tranqüilidade do sono. Despertá-lo, mesmo forçando as cravelhas do seu temperamento, afim de que testemunhe o júbilo dos que aprenderam alguma coisa nele, é atitude de relevante significação. Urge avivá-lo no cenário da cultura brasileira — êle que forrado de conhecimentos universalistas, depositário de uma erudição eminentemente cosmopolita, foi um romântico impenitente, enfeitiçado dos encantos de sua pátria, pela qual muito trabalhou, notadamente no campo pedagógico, onde o deparamos como uma das mais legítimas expressões de educador.

O SÁBIO

JOÃO Ribeiro, como todos os portadores de excepcionais títulos de inteligência apreensiva, outra coisa não fez, em tôda a sua primeira existência, que percorrer as naves do saber humano, acendendo, em cada ramo do conhecimento, os candelabros da sua espantosa capacidade de assimilação. Cumulado de dádivas da natureza, embora não lhe sorrisse nenhum confronto antropométrico com o esbelto paraninfo do templo de Delfos, dispunha, para sobrepôr-se ao "deficit" da morfologia animal, de impecáveis linhas interiores, aquelas mesmas que, em prélio de diversa categoria, teriam, sem dúvida, o dom de afirmá-lo uma constituição mais prestigiosa. Sem características divinas, alheio às sugestões do Olimpo, o seu senso conselheiral colhido numa perfeita compreensão da vida haveria de, por fôrça, estadeá-lo como um oráculo mais enfronhado das inconturbáveis circunstâncias da vida terrena. Homem desde o berço, estava condenado a ser sábio. E como sábio, logo lhe aprouve conhecer-se a si mesmo, o que seria bastante para, em pouco, conhecer a humanidade. Nela gravitando, colheu-lhe os frutos. E no sabor de cada um, tomou o paladar da vida. Não creio que o travo lhe deixasse de adstringir o véu palatino. Mas não nos deu disso ciência ou pelo menos tudo fêz para nos não contaminar dêsse desengano. Amplo de coração, como as suas próprias vestes em estado de beligerância com os conceitos de tempo e espaço, era bem aquêle órgão especificamente da "circula-

ção", porque por êle passaram gerações de amigos, e de discípulos que outros tantos amigos se tornaram. Modesto, quase indigente no descrédito que se dava a si próprio, a ninguém contudo sonegava os mananciais do seu invejável intelecto, por êle muita vez depreciado junto aos que, animados das mais razoáveis esperanças vinham dissipar dúvidas ou inspirar-se naquele dínamo de elucubrações. João Ribeiro sabia, porque sabia estudar, coisa aliás não muito comum nos nossos setores humanísticos. O seu auto-didatismo, já que no maremagnum da sua surpreendente sabedoria, pouco assinala o curso de direito, que o fêz como quase tôda gente, não tinha nada das deficiências por Goethe apontadas nos "Anos de aprendizado". Os seus conhecimentos de variadas ordens iniciou-os e os consolidou a trôco de persistente aplicação, abeberando-se nos melhores autores de que sabia servir-se sem as dispersividades encontradiças nos estudiosos impacientes e sem planificação de trabalho. Não, em João Ribeiro, a paciência e a perseverança no difícil trato dos compêndios, eram o material preciosíssimo de que lançava mão para o levantamento do seu cabedal de cultura. Êle sabia de onde partira: a ignorância. Aonde deveria chegar, tem sido, mais ou menos, o desejo de meio mundo. Mas, os mais seguros caminhos, que são, rigorosamente, as rotas enevoadas do périplo da mente, e onde se labiritam os mareantes improvisados, êsses só os percorrem os bemaventurados do espírito, aquêles que se não desmandando face aos primeiros tributos do estudo sistemático, da metodização do saber, divisam, rompidas as águas revôltas e trevosas, o fanal das suas esperanças, a luz que lhes há de propiciar a mais tranqüila e nobre consciência. João Ribeiro, marujo das letras e da ciência, tinha e mantinha sempre, nas mais exigentes condições de navegabilidade, o seu batel. Era o timoneiro por excelência, o navegador de bússola polida, amigo do peito e — por que não dizer? — talvez confidente de Netuno. Vem dessa impoluta camaradagem, e da penetração dos mistérios dessas águas, contràriamente ao conceito shakespeareano, profundas mas nem sempre tranqüilas, a segurança de si mesmo, como tesoureiro das mais belas tradições do mundo! Apaixonando-se, porém, por duas das mais cativantes e, por isso mesmo, das não menos pedregosas facetas do conhecimento — a filologia e a história — deu-nos dêsses ramos de investigação, inestimáveis lições. Foi, como os melhores, um filólogo, e, como historiador, nomeadamente da História pátria, ninguém se lhe avantajou no método. Didata, êle que se ensinara tudo, tudo procurava ensinar. Não importa que encontrasse na linguística e na historiologia as suas duas maiores razões, o seu par de afetos especiais. Íntimo, por assim dizer, de tôdas as disciplinas da evolução humana, delas espargia segredos e comesinhas revelações. Terra fértil, se não faziam rogados os recursos da enxertia. E nada pegava de galho. Tudo vinha da semente. Como o cronista de D. Manoel, bem se poderia dizer de mestre João que, em se querendo aproveitar, dar-se-ia nêle tudo... De fato, com uma assombrosa capacidade de discernimento, logo entendendo e assimilando, ou joeirando para assimilar, era o insigne professor de sempre,

pródigo no dar de si, indiferente à paga, que êle a seguir reconheceria, numa nova e ainda mais carinhosa preleção. Sempre cheio de novidades, o que decorria do seu entranhado amor aos livros, não havia como se libertar, João Ribeiro, do assédio dos estudantes. Um trecho de vivaz crônica de Jaime de Barros, seu ex-aluno e hoje um dos mais arejados espíritos de literato, dá-nos idéia precisa da liberalidade intelectual do mestre. Depois de aludir ao cêrco, de todos os dias, na sala de aulas do Internato D. Pedro II, onde João Ribeiro regia uma cadeira, assim se pronuncia o autor: "Com sua cara raspada de frade sadio e tranqüilo, sorria levemente, com os lábios e com os olhos, o seu sorriso irônico de filósofo. Depois, com o comentário permanente, paralelo e mudo dêsse eterno sorriso, a iluminar-lhe a máscara de evadido de um convento da Idade Média, começava a palestra. Esta, que versava sôbre ciências, artes, letras, filosofia, física, química, em viagens universais do pensamento, poucas vêzes tocava no ponto do dia, que evitávamos, com hábil estratégia".

Mas, êsses alunos — entro a considerar — pelos arroubos inevitáveis da juventude, e pouco agradecidos, nessa época — de resto, que seria de esperar de um grupo de estudantes? — abusavam da tolerância do sábio, pagando-lhe a dedicação com mofas e risotas, por certos tiques grotescos da sua individualidade. Era, assim, finda a aula, espetáculo de alta valia para esse bando de pardais, o colocar o mestre à cabeça o seu chapéu, em seguida à humilhação por que passara, cinqüenta minutos inteiros, na cadeira em que estivera êle sentado...

João Ribeiro, era, porém, assim mesmo. Que fazer, pois? Quem o conheceu, ainda hoje reterá a figura desprevenida, antípoda de M. Beaucaire, aquilo a que verdadeiramente se não poderia nominar, numa esmerada vitrina de artigos para homens. As meias derramando-se pelas botinas de elástico e já desbotadas, os cadarços das ceroulas apontando, os bolsos grávidos de livros, revistas e jornais, folhetos e almanaques, a gravata mal colocada como um pronome, a tripudiar da serena austeridade do gramático, tudo no indumento concorria para fazer de mestre João a antinomia do **arbiter elegantiarum.** E" que êle tinha em conta muito reduzida, ou mesmo nenhuma, êsses aspectos inexpressivos da realidade exterior. Como bom "connaisseur" da finalidade da vida, para êle marcava o bem fermentado sabor da uva. A sua gustação era a da essência, pouco importando o recipiente. Ele sabia quem era. Os demais, que procurassem sabê-lo. Pois ali não estava, em deambulações, uma alma em pleno reino da harmonia? Não caminhava parelhas com um sólido arcabouço de filósofo, um fino temperamento de artista? Não se davam as mãos, naquela mesma célula aparentemente descuidada e desvalida, os átomos de múltiplas virtudes? Ali não estavam, a um só tempo, o poeta, o músico e o pintor? E, sobretudo, na sua mais alta acepção, não se representava naquela pluralidade de afirmações, um nobre, um mavioso caráter?

Sim, João Ribeiro foi tudo isso. E mais teria sido se o quisesse. Mas, não quis. Pouco ambicioso, não exigindo do mundo senão cooperação para a sua espiritualidade de homem refinadamente men-

tal, os dotes primorosos que lhe ornavam a fronte sábia, êle os recebia com modéstia, por vêzes temendo uma retificação de enderêço... João Ribeiro foi, o que sem dubiedades se pode afirmar, uma organização psíquica superior. Foi uma fôrça. Um poder centralizado nas resistências de um cérebro de eleição. Fadado ao triunfo intelectual, não lhe foi árduo fixar as tendências. Se nos é possível surpreende-lo mais destacado aqui ou ali, nunca o teremos baldo de méritos, ou definhado nas impossibilidades de uma compreensão. A sua evolução mental tem características de suprema originalidade. Entrevistado por João do Rio, numa "enquête" que o mesmo lançara para divulgação dos caminhos percorridos pelos que fruiram, intelectualmente, os parcimoniosos sorrisos da vida, respondeu êle, na porta da Garnier, após alusão à bibliotéca de curiosidades portuguesas do avô: "de tudo, o que mais me atraía eram as coleções do "Panorama" e do "Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro"; se a estas ajuntar o "Manual Enciclopédico" de Aquiles Monteverde, que eu lia na escola, terá v. o gênesis de tôdas as minhas letras, ciências e artes daquela quadra. Tôdas as horas de lazer consumia-as copiando as gravuras do "Panorama", relendo a mitologia e as verdades eternas do "Manual Enciclopédico". Por outro lado, o "Almanaque" ensinava-me a fazer charadas e as charadas ensinaram-me a fazer versos". Eis como define o sábio as primeiras contribuições ao seu espírito. E, principalmente, como confessa a eclosão do seu estro, na verdade, embora não tendo sido o seu forte, nada para desprezar.

SINGULARIDADES

A época da chegada de João Ribeiro ao Rio é pelo desfilar do ano de 1881. Vinha êle de Sergipe, sua terra natal, e deixara nos livros de registro civil da cidade de Laranjeiras, um nome demorado de dizer: João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes. Não chegara aqui apagado. Ao contrário, era já portador de invejáveis prendas. Além da láurea de primeiro aluno, em todo o curso, do Ateneu, de Aracajú, já se revelara pintor e músico, manifestando, igualmente, inclinação para a arquitetura. Na capital do Império, porém foi absorvido pelo jornalismo e o magistério, a despeito de ter, deixando a Faculdade de Medicina, da Baía, desejo de se diplomar pela nossa Escola Politécnica. De logo travadas amistosas relações com os periodistas dessa brilhante fase da imprensa do país, entrou para a "Época", de Zeferino Cândido, e foi constante na amizade com Quintino, Patrocínio e Alcindo Guanabara. Nesse jornal, de parceria com o diretor e mais Artur Azevedo, escreveu um romance folhetinesco, "Os Mistérios da Prainha". Uma vez jornalista, o que haveria de ser por tôda a sua existência, faltava cingir-se do galardão do professorado. Tal se deu no mesmo ano da sua estréia como algoz das linotipos. Aberto o concurso para a cadeira de português, no Colégio Pedro II, venceu-o, merecidamente, João Ribeiro. E, decorrido algum

tempo, é nomeado. Não, porém, como esperava, e isso, parece, tinha que ser.

* * *

Vale a pena uma ligeira digressão pelo aspecto paradoxal, ou o que se poderia chamar o signo contraditório de sua vida. Na verdade, mestre João, muito se desmentiu. E a despeito da serena orientação que soube imprimir à sua existência de missionário, era um insatisfeito, ou não se encontrou nunca. Tentando a medicina, para logo deixar-se seduzir pela engenharia, acabando num curso de direito; amando as artes plásticas e a música, o que de início revela uma tendência para as tarefas sentimentais, e logo fincando estacas como pontífice em duas das mais árduas disciplinas do espírito — a filologia e a história; temeroso de todos os seus cometimentos literários, e armando-se de crítico; ateu, tendo por leitura predileta os evangelhos, e até sendo, certa vez, surpreendido pelo padre Galanti, em colóquio com as Cartas de São Jerônimo; ideando trabalhos a que jamais daria a última demão, como as suas "Memórias" e os romances "Recordações de D. Quitéria" e a "Vida do Padre Antônio"; declarando-se desamparado dos editores, quando os seus livros didáticos eram os de maior curso no país, com mais de um milhão de exemplares vendidos; brasileiríssimo, ameaçando trocar a pátria pelo estrangeiro, de cuja terceira de suas viagens à Europa, não teria por certo regressado, sem os favores da guerra de 14; vencedor de um torneio de Português, o mesmo concurso de 87 de que já

tempo, é nomeado. Não, porém, como esperava, e isso, parece, tinha que ser.

* * *

Vale a pena uma ligeira digressão pelo aspecto paradoxal, ou o que se poderia chamar o signo contraditório de sua vida. Na verdade, mestre João, muito se desmentiu. E a despeito da serena orientação que soube imprimir à sua existência de missionário, era um insatisfeito, ou não se encontrou nunca. Tentando a medicina, para logo deixar-se seduzir pela engenharia, acabando num curso de direito; amando as artes plásticas e a música, o que de início revela uma tendência para as tarefas sentimentais, e logo fincando estacas como pontífice em duas das mais árduas disciplinas do espírito — a filologia e a história; temeroso de todos os seus cometimentos literários, e armando-se de crítico; ateu, tendo por leitura predileta os evangelhos, e até sendo, certa vez, surpreendido pelo padre Galanti, em colóquio com as Cartas de São Jerônimo; ideando trabalhos a que jamais daria a última demão, como as suas "Memórias" e os romances "Recordações de D. Quitéria" e a "Vida do Padre Antônio"; declarando-se desamparado dos editores, quando os seus livros didáticos eram os de maior curso no país, com mais de um milhão de exemplares vendidos; brasileiríssimo, ameaçando trocar a pátria pelo estrangeiro, de cuja terceira de suas viagens à Europa, não teria por certo regressado, sem os favores da guerra de 14; vencedor de um torneio de Português, o mesmo concurso de 87 de que já

demos notícia, e empossando-se na cátedra de História Universal; acadêmico, satirizando os lauréis da Casa de Machado de Assis! — tudo é uma invencível conspiração do destino contra as suas determinações **a priori**. E, admirável, no borborinho das contradições, sempre coerente, sempre lógico. Os seus comentários, os mais pérfidos, encontram, sempre, uma razão de ser. Só diz coisa com coisa. Não se desmanda, não desvaira. O seu bom humor, transportado no carro-de-boi daquele físico pesadão, é de uma agilidade, de um repentismo impressionantes. O anedotário de João Ribeiro é vasto. Dá para deliciar uma geração. As suas respostas, os seus despiques são de uma precisão verdadeiramente geométrica. Na palestra ou na polêmica, sempre se saiu com galhardia. Joaquim Ribeiro, nos seus "Nove mil dias com João Ribeiro", faz-nos interessantes revelações a respeito. Quem jamais tivesse trocado uma palavra com o mestre, pode, por êsse livrinho, colher ótimos elementos para o perfil psicológico do insigne historiador patrício. Menino inteligente, acompanhando os passos do progenitor, com amor filial, e mais que isso, com verdadeiro entusiasmo, não deparou entraves na sua jovial reportagem. Aquela "sala do silencio" a que se refere hoje o escritor, foi a sua primeira manifestação de curiosidade em tôrno da vida do intelecutal sergipano. Quando percebeu que era ali que João Ribeiro estudava, interessou-se pelos estudos do pai, e entrou a observá-lo. Daí por diante, não lhe perdeu um movimento, uma atitude. E foi assim que, ao cabo de um bom punhado de anos, pôde compor êsse excelente caderno de notas.

João Ribeiro, de articulação pouco solicita, talvez por isso falasse sempre com acêrto. As palavras não se lhe expandiam com sofreguidão. E no sabor que delas tomava, antes de as libertar, é que residia a ciência da depuração. Num torneio de loquacidade, mestre João não levaria a palma. Mas, pelo nada que falasse, havia de ser dos que mais dissessem. Temperamento concentrado, eminentemente analítico, não tinha duas opiniões — preferia o insuspeito. Cinzelador da ironia, não perdia ocasião para fazer das suas. Certa vez, respondendo a alguém, que para exaltar o prestígio da Igreja, lhe dissera que o clero levara D. Silvério à Academia, retrucou: "não, foi êle quem levou o clero ao nosso seio..."

Melo Carvalho, conhecido gramático de feição arcáica, vindo a público respigar umas censuras afirmou que a sua terminologia se encontrava nos dicionários e nos melhores autores, o que provocou de João Ribeiro a seguinte réplica: "O que eu censuro e estranho é que estejam em Melo, que não é nem dicionário nem autor..."

Ao tempo de suas crônicas literárias no "Imparcial", passou-se coisa muito interessante. Dando notícia de um livro de Afrânio Peixoto, chamou-lhe "Poesia da estrada". Um amigo do autor acudiu: não é "poesia", mestre, mas "Poeira da estrada!" E mestre João: "Ora, meu amigo, poeira ou poesia, tudo afinal, vem a ser a mesma coisa..." A um candidato à Academia, que lhe levara a obra para leitura, desenganou-o nestes têrmos: "Fique sabendo, caro senhor, que se os literatos fôssem lidos, não haveria Academias..."

Palestrando com Laudelino Freire, recém-eleito, taxou de ridículo o fardão da Casa. Ao despedir-se, recomendou que não se descuidasse do uniforme. Ao espanto do novato "imortal", ajuntou: "E', colega, mas tenho para mim que o ridículo faz parte da glória acadêmica..."

De uma outra feita, concorrendo, Benjamin Lima, ao prêmio de Teatro, com a peça "O homem que marcha", e sendo êsse trabalho, pela comissão relatora, classificado em primeiro lugar, houve discordância em plenário, o que redundou na desclassificação da obra. João Ribeiro, ao deixar a Academia, confortou o autor: "Você não poderia desejar maior reclame para a sua peça..."

Perguntado, já na sua última fase, se os ataques de que fôra vítima não o molestavam, responde o bom João: "A vida literária é apenas um outro aspecto da nossa própria vida. Ora, onde há vida, há luta. E se de algum testemunho necessitasse para confirmar a minha decadência, êsse seria a falta que sinto dos inimigos que outrora me cercavam..."

Quando foi da celeuma provocada na Casa de Machado de Assis, pelas aspirações do belo sexo, João Ribeiro votou pela inovação. Depois, justificou o seu voto: "Aprecio a literatura feminina. E creio que as mulheres, daqui a algum tempo, serão os únicos homens de letras..."

A casa de João Ribeiro, como sábio dadivoso que sempre foi, era procurada até por desconhecidos. Certa ncite, bateram-lhe à porta. Transmitido

o recado, de que um cavalheiro desejava conhecê-lo para trocarem algumas idéias, com a malícia que nunca o abandonava nesses momentos, condicionou: "Se é apenas uma visita, que entre. Mas para trocar idéias, não estou..."

Contudo não se deve daí inferir que João Ribeiro fôsse apenas um ironista, um homem invariàvelmente voltado para os aspectos pitorescos da vida. Não. O seu espírito, por vêzes, se recolhia. E nesse recolhimento a transfiguração era surpreendente! Bom como os que mais o fôssem, mereceu de Humberto de Campos a famosa crônica "São João Ribeiro". Aí, o estilísta de "Sombras que Sofrem", depois de afirmar que "quando se restabelecer, no Brasil e no mundo, a ordem nos domínios da literatura, nenhuma figura brasileira dos nossos dias despertará, mais vivamente, o exame da crítica do que êsse filósofo que vem, há mais de meio século, zombando da popularidade e da glória"; que os bens que êle possue não há dinheiro que os compre; e que se Creso os desejasse "precisaria de sessenta anos de estudo e meditação, para ter o que êle tem", remata com esta prece, ungida da mais nobre sinceridade: "Louvado sejas tu, pois, meu São João brasileiro! E' a ti que rezo neste dia (dia 24 de Junho) para que a tua velhice seja longa e tranqüila, e continues a trabalhar pela conquista do teu pão, tu, que dos três Joões de hoje, és, talvez, o mais pobre, pois que não tens, como João, o Batista, um cordeiro no braço para comer, e não terás — quem sabe — como João, o pastor, um "carneiro" para dormir..."

o recado, de que um cavalheiro desejava conhecê-lo para trocarem algumas idéias, com a malícia que nunca o abandonava nesses momentos, condicionou: "Se é apenas uma visita, que entre. Mas para trocar idéias, não estou..."

Contudo não se deve daí inferir que João Ribeiro fôsse apenas um ironista, um homem invariàvelmente voltado para os aspectos pitorescos da vida. Não. O seu espírito, por vêzes, se recolhia. E nesse recolhimento a transfiguração era surpreendente! Bom como os que mais o fôssem, mereceu de Humberto de Campos a famosa crônica "São João Ribeiro". Aí, o estilísta de "Sombras que Sofrem", depois de afirmar que "quando se restabelecer, no Brasil e no mundo, a ordem nos domínios da literatura, nenhuma figura brasileira dos nossos dias despertará, mais vivamente, o exame da crítica do que êsse filósofo que vem, há mais de meio século, zombando da popularidade e da glória"; que os bens que êle possue não há dinheiro que os compre; e que se Creso os desejasse "precisaria de sessenta anos de estudo e meditação, para ter o que êle tem", remata com esta prece, ungida da mais nobre sinceridade: "Louvado sejas tu, pois, meu São João brasileiro! E' a ti que rezo neste dia (dia 24 de Junho) para que a tua velhice seja longa e tranqüila, e continues a trabalhar pela conquista do teu pão, tu, que dos três Joões de hoje, és, talvez, o mais pobre, pois que não tens, como João, o Batista, um cordeiro no braço para comer, e não terás — quem sabe — como João, o pastor, um "carneiro" para dormir..."

De fato, quem mais modesto, quem mais desprovido de haveres materiais, do que êsse homem simples, desinteressado, preferindo à dos poderosos, a companhia dos humildes? E, no entanto, quem mais trabalhador do que êle, que escreveu tôda a sua vida? Talvez decorra dessa necessidade imperiosa de redigir continuamente, ininterruptamente, a falta de unidade e mesmo porte na sua produção. Colaborador de quase todos os jornais e revistas do país, tarefa que, menos as horas do magistério, lhe consumia tôdas as demais, mestre João não tinha lazeres para a planificação da obra que, talvez, lhe estivesse a exigir a sabença. Do que seria capaz de nos legar, a rigor, não vamos além da sua Gramática, por todos os títulos excelente, e da sua celebrada História do Brasil, onde pela primeira vez, e isso no despontar do século, surge uma nova interpretação da matéria.

O PROBLEMA PEDAGÓGICO

NENHUMA arte há mais complexa do que a difícil tarefa de ensinar. A dificuldade começa, para o professor, na necessidade de aprender... e não termina, para o aluno, na facilidade de desmemorizar...

A educação tem sido, das obrigações sociais, o mais duro e menos compensador dos misteres.

A variedade mental no tipo humano e a diversidade de conceituação, no campo pedagógico levaram e continuam a levar, os sacerdotes do conhecimento, a controvérsias nem sempre insofismavelmente rendosas.

Não cumpre ,apenas, ensinar o que se sabe, mas o que é preciso saber. E, o que é preciso saber? Não se sabe. Essa, a luta entre as diversas escolas pedagógicas, o eterno ruminar de razões entre os grupos partidários dessa ou daquela modalidade de ensino.

O problema vem de longe e até hoje, nos chega sem grandes luzes. O motivo capital da quezília? A inconciliação entre a **beleza** e a **robustez** do espírito. Noutras palavras: o chamado curso clássico e o científico, ou seja, a teoria e a prática da vida. Em verdade, há dois mundos. O homem se encontra, precisamente, entre dois fogos.O **espírito** e a **matéria.** Atender a um, como que é despre-

sar a outra. E vice-versa. Daí a campanha educacional que, a partir de Bacon e Descartes, multiplicou os espinhos da missão escolar.

As sucessões das ordens de cultura, determinando aprendizados de variados matizes geraram, no decurso do tempo, fases de educação verdadeiramente calamitosas. Umas, pela estreiteza do fòrmalismo em que degeneraram, outras, pelo sentido expresso e inviolável de seu próprio conteúdo, de sua finalidade como conhecimento.

Com o advento do Cristianismo, e até o século XVII, definira-se a luta por dois interêsses descobertos: o sagrado e o profano, ou seja, a teologia e o currículo liberal do mediterrâneo. Dêsse marco em diante, porém, disputou, igualmente, o seu lugar ao sol, a corrente científica, a qual, em face dos novos rumos prescritos pela inteligência humana, sentiu-se no dever de conduzir o conhecimento por caminhos mais conformes com a natureza das coisas.

Dos choques entre o **classicismo** e o **teologismo**, surgira uma verdade mais aparente: **o cientificismo.** E a azáfama dos educadores, longe de deparar uma trégua, exacerba-se no mister da entrosagem dos valores. Passando o ensino para o Estado, caira o pontificado da Igreja, mas nem por isso amainara a tempestade entre os apologistas das ciências naturais e os das letras clássicas. Distanciados, filosoficamente, os dois grupos aspiram a um fim comum, mas, utilizando meios diferentes, logram resultados antagônicos. A rigor as humanidades adextram o indivíduo no singular; as ciências, no plural. Não resta dúvida que o espírito de

um humanista é mais rico de conteúdo estético, mas o cientista é mais prático e, consequentemente, mais útil ao seu semelhante. No primeiro caso, temos a harmonia, a conjugação da beleza com a virtude. No segundo, a garantia, a conjugação das causas com os seus efeitos.

Os campos são, como se vê, díspares. Não se reconhecem, precisamente, pela heterogeneidade de fundo. Embora na forma, isto é, no conceito de educação, não pleiteem senão preparar o homem para uma vida feliz, uma existência superior, estimulam no mesmo qualidades que se excluem. Um helenista não compreenderá, jamais, um laboratório, ou uma ponte pênsil. Do mesmo passo que num técnico seria de reduzidas proporções o interêsse despertado pelas obras primas da antiguidade clássica. Tudo uma questão de clima, de influências mesológicas...

A meu ver, e de todo insuspeito, pois que não disponho senão de uma humílima formação humanística, o mundo já teria morrido de inanição se do seu **menu** não constasse mais do que o **paté-de-foie-gras** da retórica greco-romana.

Pelas suas condições de vida, o orbe antigo se bastava a si mesmo. Hoje, porém, não seria de admitir-se um saudosismo clássico intransigente, inteiramente inimizado com a natureza dos nossos dias trepidantes, cada vez mais físicos, cada vez mais químicos, nunca suficientemente mecânicos...

A despeito da evidência, contudo, não são poucos os que vêm clamando pelo retorno à educação de tipo grego. Nesse sentido são inúmeros os depoimentos. E o curioso é que no total dos mani-

festantes, contam-se eminentes realistas ou prolegtários da ciência positiva. Não poderei agasalhá-los todos neste espaço. Mas, o químico Liebig, o naturalista Pokorny, o professor Grimburg e outros eminentes mestres, devem ser contados entre os que reconheciam ou reconhecem superioridade nos alunos de disciplinação humanística. O conhecido profesor Knapp, de Brunswick, sustentava, mesmo, que "só o ginásio forma o homem, pois, só êle lhe poderá ministrar uma soma de conhecimentos verdadeiramente capaz." Na Alemanha tiveram curso enérgicos pronunciamentos contra as escolas realistas **sem latim.** Em França, na segunda metade do século XIX, a comissão nomeada pelo govêrno para opinar sôbre o tipo de bacharelado científico, então em uso, encerra o seu parecer com estas palavras: "E' nossa convicção que o conhecimento das línguas clássicas é indispensável, e que o seu estudo possue uma **fôrça educativa** que em vão se procurará nas matérias com que se pretenda substituí-las".

Já Einstein é coerente. Físico, matemático, continúa cientista. E nega o valor das línguas como veículo de educação, no que positivamente vai um exagêro, e entra em conflito com a observação igualmente um tanto forçada de Goethe, de que "todo aquêle que não conhece nenhum idioma estrangeiro, não entende tão pouco o seu". Acredito que o bom-senso esteja com o meio-termo. Os períodos agudos de **remplacement** e o formalismo fatal da canseira dos estágios, é que conduzem, em matéria de educação, às sombrias manifestações de descrédito.

Uma vista d'olhos nos diversos métodos pedagógicos, correspondentes às ordens de cultura imperantes, antecipando o trato com João Ribeiro, na matéria, — seria a dosagem para uma perfeita compreensão dos seus níveis e desníveis. Não nos olvidemos de que a constância na participação dos interêsses ora religiosos, ora seculares, com a sobrelevação intermitente ora do Estado, ora da Igreja, teria fatalmente que bifacetar o ensino, na sua marcha forçada de Herodes para Pilatos.

Colhendo o assunto a partir da Idade Média, já muito teremos com que argumentar. E de fato. À Renascença, que teve o seu mais prestimoso aliado no movimento tendencioso do século XIII, quando então se avocou dos conventos para as escolas, a administração dos interêsses intelectuais, não foi demasiado trabalhoso o derrame, no ocidente, dos preceitos estéticos da Hélade e do Lácio. A escolástica, sólido sistema intelectual que concentrara o conhecimento no dogma, na teologia pura, com amparo filosófico no logicismo do mestre de Alexandre, não se completava a si mesma, por isso que, de natureza essencialmente especulativa, estava condenada a afrouxar os cordeis das teses teológicas, em favor da indagação **científica.**

Assim como o **animismo,** no período da educação imitativa, cedeu terreno para a floração de uma linguagem escrita e consequentemente, de uma literatura, até chegar ao **liberalismo** dos gregos e ao **praticismo** dos romanos, assim a **escolástica,** pelo seu método e conteúdo, teria que capitular em benefício das naturais expansões do espírito humano. Na verdade, o sentimento medievalista já se

esgotara, notadamente depois que Raban Mauro e John Scot inspiraram o clero a constituir uma filosofia **pro domo sua.** O **Ut Intellegan,** de Anselmo já não satisfazia a Abelardo, que sustentava, indiferente aos riscos da herezia, "o primado da razão sôbre a fé". Não importava que as **Sententiae,** de Pedro Lombardo, e a **Suma Teológica,** de Tomás de Aquino, fôssem os mais completos repositórios do esfôrço intelectual da época. Contava pouco, também, que a Igreja houvesse acomodado a questão do **pão e do vinho** eucarísticos, na teoria platônica dos **conceitos universais,** para os escolásticos, a explicação da existência de Deus. Ao contrário, mesmo, já o **nominalismo** se fazia sentir pela pena de Occan, cuja obra consistindo na demonstração de que "as doutrinas teológicas não se podem conhecer pela razão, visto serem matéria de fé", defendeu, em contraposição ao discípulo amado de Sócrates, que só os **particulares** eram **reais,** não passando os **universais** de mera extravagância mental, tarefa que lhe emprestou foros de precursor do grande movimento renascentista dos séculos XV e XVI.

De fato, o sacerdócio humanístico de Petrarca e Bocácio, quando já entrara em agonia o feudalismo católico escolar, costurando às idéias do Doutor Invencível, o gôsto pelos textos clássicos, resultou no levante individualista, de um intelectualismo destemidamente pagão, correndo-se a cortina para as belezas e as resistências espirituais do mundanismo artístico e literário. Reanimaram-se as línguas grega e latina, e o conceito liberal foi readaptado ao plano da educação. O método religioso,

que anulava os direitos da natureza do homem, foi deposto em atenção aos direitos da natureza em geral. Era o desabafo de uma humanidade que vivera séculos soterrada na criteriologia da **verdade dogmática.**

O mundo medieval, particularmente depois da arregimentação filosófica do século XI, era um mundo de amplas possibilidades para o espírito eclesiástico; mas por demais exíguo para as ansiedades do espírito simplesmente humano. Não se deve ver, por isso, uma inexpressiva atitude de diletantes, nos pioneiros do renascimento clássico. Nêles não havia, apenas, sêde de leitura, mas uma irremediável necessidade de melhoria no padrão de vida intelectual. Só o mundo antigo os poderia servir da beleza e da experiência de que estavam a carecer. Foram buscar êsse mundo. Paul Monroe, por exemplo, aconselha, com grande visão do momento, que não se deve cometer o êrro de "confundir os meios desta renascença com a sua causa ou com a sua finalidade". Efetivamente, encarado a rigor, foi um movimento cultural, estético e social. Foi um movimento de libertação. Lento, mas seguro.

A tendência era vingar os séculos de espoliação espiritual a que se vira submetida a sociedade medieva. E libertar o espírito era dar novos rumos à educação.

Petrarca não se saturara de Aristóteles, como a princípio poderia parecer. Cansara-se sim, de vê-lo como ponto de apôio de uma doutrina coatora. E tanto era isso verdade, que o regime escolar, mesmo depois do movimento afinava não só pelas de-

finições do autor de **A República,** como do sábio estagirita. Também eram básicos Demóstenes, Quintiliano, Cesar, Plínio e, acima de todos, o que por excesso, redundou na estreiteza futura do humanismo , — Cícero. O conceito renascentista de educação era "formar um agudo senso prático em matérias concernentes à vida quotidiana". Mas as **humanidades** que, apenas, deveriam ser e, de fato, durante algum tempo, foram um meio para se atingir ao que Vergerius chamou os estudos liberais, isto é, "os que formam o homem livre; aqueles por intermédio dos quais alcançamos e praticamos a virtude e a sabedoria", degeneraram na incompleta significação das línguas e das literaturas antigas, perdendo, inteiramente, o sentido precípuo de imitação da vida clássica.

Por sua vez, o aspecto unilateral das letras suscitou uma estreita filosofia ciceronista, o que levou Erasmo a compor o irresistível diálogo sôbre **Os Ciceronianos.** Verdadeiramente, saira pior a emenda que o soneto. Substituira-se o aristotelismo clerical, pelo ciceronianismo literário. Subvertera-se a **lógica,** em louvor do **estilo.**

Onde, pois, a solidez do padrão educacional grego, ou mesmo do latino com Quintiliano?

Onde, rigorosamente, a volta ao passado?

Quando os sofistas declararam o homem "a medida de tôdas as coisas", Sócrates encontrou o ponto de partida para a filosofia da educação. E se enquadra na sua teoria, por excelência, o critério **humanista** do desenvolvimento moral e intelectual. Desprezando o método formalístico pela dialética, inaugurou uma nova fase educacional, a

que Platão robusteceria com o seu apreço, embora, a certos respeitos, dela dissociado.

Com efeito, para ambos, a finalidade da educação era o "conhecimento ou saber", meio pelo qual se entraria na posse da **virtude.**

Em que pese ter apresentado definição de outra ordem, ou seja constituir a educação o único processo de atingir, o indivíduo, "a felicidade ou o bem", o chamado "estado da vontade", com o "bem do caráter" e o "bem do intelecto", — no fundo, o que também pretendia Aristóteles, tanto quanto os seus predecessores, era uma perfeita preparação individual, de forma e substância, para uso na vida em sociedade. Contudo, à ditadura escolástica, que sumira tragada pelos próprios alicerces da teologia sistematizada, e subvertendo os fins dos renacentistas, sucedera uma tirania ciceroniana, indubitavelmente mais lesiva nos seus efeitos, uma vez que nem ao menos oferecia, como centro de interêsse, um motivo que transcendesse da nossa própria imagem e semelhança. O **ginásio,** base da educação grega estava, assim, traido em seu **desideratum.** A **ginástica mental** de Platão, que encontrara refôrço no método indutivo do autor de **A Política,** nada mais era, nos tempos decadentes da **renascença,** do que uma vesânica exaltação do idioma latino, consubstanciado no estilo do grande adversário de Epicuro. O formalismo acanhado invadira as escolas italianas, alemães, inglesas e as coloniais americanas, que, por sua vez, com mais as holandesas e as escocesas lutavam, já em pleno século XVII, com os novos métodos educacionais da Reforma e da contra-Reforma, os quais sob a

direta tutela das Igrejas católicas e protestantes, com Lutero, Calvino, Zuinglio, Knox e Melanchthon, de um lado, e os jesuitas de outro, com a temível divisa A.M.D.G. **Ad Majorem Dei Gloriam,** concluiram por recuar a educação e, pois, o pensamento, às normas quase que totais da escolástica, de novo convocando-se Aristóteles para nume tutelar da razão divina.

Nada mais da **dialética** de Sócrates; nada mais da **retórica** de Isócrates ou de Quintiliano. Das sete **artes liberais,** uma informação de bisonho caráter mitológico, por certo. Era outra vez a noite, nos tempos da pedagogia individualista ou liberal. As condições mesmas necessárias à preparação da fase **realista,** que se manifesta, a seguir, com três características distintas: realista-humanista, social e sensorial. A primeira delas é um retorno aos ideais da Renascença, em seus primórdios. Tem como paladinos Erasmo, que escreveu o **Sistema de Estudos,** e repartiu o conhecimento em duas fases, ou reconheceu-lhe duas espécies, "o das coisas e o das palavras"; Rabelais, que do ponto de vista educacional ganhou celebridade com a sua famosa sátira **Gargantua e Pantagruel;** e Milton, que no **Tratado sôbre a Educação** afirmou que "todo o saber não podia estar contido na língua e na literatura dos gregos e dos romanos".

O realismo social, em última análise, apenas uma teoria da volta-ao-mundo, teve como patrono Montaigne, que, acusando o humanismo de escola contraproducente, afirmou que "as viagens são os espelhos em que nos devemos mirar, afim de melhor nos conhecermos". Aschan, porém, no **Mestre-**

Escola, deu-lhe a réplica, sustentando que educado por semelhante método, estaria o estudante "pessimamente preparado para ser homem honesto, bom súdito de seu príncipe ou servir a Deus com obediência e retidão de sentimentos."

Entramos, por último, o chamado realismo-sensorial ou naturalista, rigorosamente, a fase que põe a descoberto o movimento científico da razão. E' o período de transição, que assinalamos no começo destas apreciações. O momento em que, precisamente, a educação não mais se libertará das injunções científicas, antes, ao contrário, cada vez nelas mais se há de justificar, em contraposição aos humanistas ortodoxos que, não se acamaradando com o prosaismo utilitarista do tempo, timbram em advogar um método educacional perfeito, mas anacrônico, visivelmente prejudicado pela multiplicidade da vida contemporânea.

O humanismo de nossos dias, se o quizermos, não poderá deixar de ser um **humanismo-científico,** ou para usar expressão pedagógica, um **humanismo-eclético,** em que, além dos da ciência, se atenda igualmente, aos caprichos da psicologia e da sociologia.

Na verdade, quando Bacon deu por terra com o **Organon,** de Aristóteles, planificando a primeira parte e desafortunadamente única, do seu **Novum Organum,** estava proferida a palavra de ordem para o destino da educação. A sua influência no mundo moderno ou modernissimo, não havia de permitir mais que se olhasse para trás. Contra os regimes da fé autoritária, sobretudo, estava lançada a sentença **veritas temporis filia, non auctoritatis.** A

sua classificação das ciências em **históricas, poéticas e filosóficas,** no terceiro grupo se encontrando a ciência de Deus, a do homem e a da natureza, esta última sobrelevando as demais, abriu com o **carte-sianismo,** mau grado algumas divergências, novos rumos ao conhecimento.

Desprezando o **silogismo,** a alma do sistema comprovante de Aristóteles, Bacon entrega-se, inteiramente, à formulação das suas regras indutivas, aparelhando com a identificação das causas dos erros e com êles próprios, o progresso da ciência. Criou a nomenclatura dos **idola,** recomendou a investigação das causas dos fenômenos, **vere scire per causas scire** e a organização das tabelas de **presença, ausência** e **gradação.**

Embora a história não o registe como um grande experimentalista, é positivamente o marco do conhecimento humano, em face das modernas especulações científicas. A sua importância no campo pedagógico está na metodização prática que ao seu sistema imprimiu o renomado educador Comenius. Fiel ao novo critério naturalista conhecido por movimento **pansófico,** compôs êle os famosos tratados da **Didática Magna,** e a **Escola Maternal,** indubitavelmente uma antecipação do **Kindergarten.** Acena-nos, em seguida, Locke, com o **conceito disciplinar,** desenvolvido no **Essay on Human Understanding** e no **Conduct of Understanding,** com repouso nos princípios sensoriais baconianos. Locke distingue-se, principalmente, pela diferenciação que estabelece entre a educação e a instrução. Para êle, a primeira é a disciplina do espírito. A segunda, o desenvolvimento intelectual. O **modus** disciplinar ainda hoje exerce sensível influência nas escolas secundárias e universidades inglesas, ginásios alemães e mais recuadamente, teve sua preponderância na América.

O naturalismo-especulativo de Francis Bacon, gerou através do tempo o racionalismo de Voltaire e o naturalismo-revolucionário de Rousseau. Afirma o catedrático de história da educação, da Columbia University: "o movimento naturalista foi uma revolução, no pensamento e na prática, não menos importante e influente do que a renascença".

De fato, a reação do século XVIII, primeiro com o autor do **Ecrasez l'Infame** e situada num plano aristocrático da inteligência, depois com o autor do **Contrato** e do **Emile,** e compreendendo reivindicações de caráter social e educacional, foi um movimento intelectual que subverteu, inteiramente, a ordem das coisas. Chamou-se nos seus começos a **Época das luzes,** e visava derrubar as teorias religiosas ortodoxas, o absolutismo na Igreja e no Estado e o puritanismo na moral. Com Rousseau, o objetivo seria menos pretensioso e teórico, por isso mesmo mais humano, e no campo da educação, notadamente, haveria de constituir sensível avanço nos métodos pedagógicos.

O **Emile** é, no setor educacional, um ponto de partida. Uma contribuição, **sui-generis,** no balanço da ciência pedagógica moderna. Se cabe a Locke o mérito de haver traçado o primeiro compêndio de educação, em que se cogita da criança, em idade escolar, Rousseau toma-lhe a palma, oferecendo como sustentação das suas teorias, a própria natureza infantil.

O método rousseauniano é simples, mas eficaz. "O desenvolvimento adequado da infância é o objetivo de cada estágio particular da educação; a natureza da criança e seu crescimento determinam o processo: sua experiência proporciona os meios". Rousseau responde, pois, pela paternidade da **escola nova**, com a participação do **interêsse** no método naturalista.

Com a evolução natural dessas idéias chegou-se, no século XIX, ao mais brilhante e fecundo movimento escolar, após passagem pelos esforços de Basedow, que foi dos primeiros a perceber as vantagens práticas do sistema. Na verdade só evoluindo poderia a escola de Rousseau adaptar-se às contingências do tempo. E evoluir é, substancialmente, em educação, o preceito **sine qua non.** Aguayo afirma que "como tôda ciência que trata de valores, a pedagogia está em transformação constante", e Georges Rouma igualmente assim compreende os reclamos do ensino, quando diz que "a educação é vida, mudança contínua, adaptação a novos meios". A base do movimento rousseauniano estava em que a educação é um processo natural. Os meios de obtê-la, pois, não podem estar em desacordo com a natureza. E só. Daí surgirem as tendências mais específicas, a um tempo **psicológicas, científicas** e **sociológicas**, que orientam a educação em nossos dias, e que vieram se desenvolvendo, no tempo, através de depagogos do porte de Pestalozzi, Herbart, Froebel, Huxley, Spencer e outros de menor nomeada.

Lamentavelmente, não posso aqui examinar em seus detalhes a obra dos três gigantes do movi-

O método rousseauniano é simples, mas eficaz. "O desenvolvimento adequado da infância é o objetivo de cada estágio particular da educação; a natureza da criança e seu crescimento determinam o processo: sua experiência proporciona os meios". Rousseau responde, pois, pela paternidade da **escola nova,** com a participação do **interêsse** no método naturalista.

Com a evolução natural dessas idéias chegou-se, no século XIX, ao mais brilhante e fecundo movimento escolar, após passagem pelos esforços de Basedow, que foi dos primeiros a perceber as vantagens práticas do sistema. Na verdade só evoluindo poderia a escola de Rousseau adaptar-se às contingências do tempo. E evoluir é, substancialmente, em educação, o preceito **sine qua non.** Aguayo afirma que "como tôda ciência que trata de valores, a pedagogia está em transformação constante", e Georges Rouma igualmente assim compreende os reclamos do ensino, quando diz que "a educação é vida, mudança contínua, adaptação a novos meios". A base do movimento rousseauniano estava em que a educação é um processo natural. Os meios de obtê-la, pois, não podem estar em desacordo com a natureza. E só. Daí surgirem as tendências mais específicas, a um tempo **psicológicas, científicas** e **sociológicas,** que orientam a educação em nossos dias, e que vieram se desenvolvendo, no tempo, através de depagogos do porte de Pestalozzi, Herbart, Froebel, Huxley, Spencer e outros de menor nomeada.

Lamentavelmente, não posso aqui examinar em seus detalhes a obra dos três gigantes do movi-

O método rousseauniano é simples, mas eficaz. "O desenvolvimento adequado da infância é o objetivo de cada estágio particular da educação; a natureza da criança e seu crescimento determinam o processo: sua experiência proporciona os meios". Rousseau responde, pois, pela paternidade da **escola nova,** com a participação do **interêsse** no método naturalista.

Com a evolução natural dessas idéias chegou-se, no século XIX, ao mais brilhante e fecundo movimento escolar, após passagem pelos esforços de Basedow, que foi dos primeiros a perceber as vantagens práticas do sistema. Na verdade só evoluindo poderia a escola de Rousseau adaptar-se às contingências do tempo. E evoluir é, substancialmente, em educação, o preceito **sine qua non.** Aguayo afirma que "como tôda ciência que trata de valores, a pedagogia está em transformação constante", e Georges Rouma igualmente assim compreende os reclamos do ensino, quando diz que "a educação é vida, mudança contínua, adaptação a novos meios". A base do movimento rousseauniano estava em que a educação é um processo natural. Os meios de obtê-la, pois, não podem estar em desacordo com a natureza. E só. Daí surgirem as tendências mais específicas, a um tempo **psicológicas, científicas** e **sociológicas,** que orientam a educação em nossos dias, e que vieram se desenvolvendo, no tempo, através de depagogos do porte de Pestalozzi, Herbart, Froebel, Huxley, Spencer e outros de menor nomeada.

Lamentavelmente, não posso aqui examinar em seus detalhes a obra dos três gigantes do movimento educacional moderno, ou sejam os primeiros acima citados. Não estou senão tentando um panorama da história da educação, comprimido pelas paredes cubiculares de um simples capítulo. Contudo, não seria justo silenciar que a Froebel cabe a honra de ter sido o direto assessor da escola atual, que confere tôda a importância à criança, em contraposição a Herbart, que na vida escolar destacava de preferência o mestre. Pestalozzi, do ponto de vista filosófico, sem dúvida o mais fraco, nem por isso se deixou ofuscar pelos companheiros de ideal. Ao revés, foi imensa a sua influência, nas esferas educacionais, dêle ficando numerosos exemplos, particularmente no sentido da piedade humana. As suas idéias sôbre educação são mais do que isso um plano de assistência à infância, que muito amou e foi tôda a sua preocupação na vida.

Compelido a definir, poderia arriscar: Pestalozzi foi o mais humano dos educadores; Herbart o mais especulativo; Froebel, o mais naturalista.

A democracia firmou a tendência **sociológica,** melhor do que por qualquer outra aplicação, com o estudo gratuito ou sejam as escolas públicas. A necessidade de prover intelectualmente as massas decorre, no mundo político moderno, da compreensão nesse sentido, primeiro de Frederico, o Grande, e Maria Tereza da Austria, e de Jefferson e James Madison, presidentes norte-americanos. Tomás Jefferson escreveria: "Considero a continuação do govêrno republicano como dependente da **educação pública** e da subdivisão das municipalidades em distritos". Madison afirmaria: "Um govêrno popular sem instrução popular ou sem meios de

adquirí-la, não passa de uma farça ou de uma tragédia ou talvez de ambas."

O regime **eclético** da educação, a que assistimos, todo êle uma associação dos princípios pedagógicos dos séculos XVIII e XIX, persegue a harmonia entre o **esfôrço** e o **interêsse,** na teoria e na prática escolar. Êste método aspira a ser o mais esclarecido subsídio ao tormentoso problema educacional. Nele encontram-se, devidamente equipados, os materiais **psicológico, científico** e **sociológico,** com mais o **industrial,** insuflado êste pelas teorias avassaladoras de John Dewey, que tem sido, nesses últimos tempos, o filósofo da educação mais visado pela crítica. A sua obra, que para alguns se eleva às culminâncias da última palavra, como para Moore, que, na matéria, a faz remontar e exceder ao próprio Platão, apresenta-se aos olhos de muitos, como um perigoso tratado **ideológico** do ensino. Herman Horne, por exemplo, com muita serenidade esquemou a sua **The Democratic Philosophy of Education,** para acompanhar linha a linha as reflexões do trabalho que os senhores Godofredo Rangel e Anísio Teixeira traduziram para o nosso idioma, com o título de **Democracia e Educação.** Stanley-Hall esquadrinhou-lhe, igualmente, o livro **How we think,** e como um dos maiores responsáveis pelo biogenetismo da escola-nova, que o autor classificou de "imbecil", por subverter os valores da disciplina escolar, — esquecendo-lhe as características **industralistas,** já de vôo ensaiado, chama a Dewey "moderado e inofensivo"...

Não sou autoridade em pedagogia. Nem mesmo sei como se operou em mim, o milagre de apren-

da classe estudantil. João Ribeiro era, visceralmente, contrário a tudo quanto não representasse um esfôrço natural no mister escolar. Entendia que ao educando não cumpria **saber**, mas **aprender**, aprender sempre. Era pois rancoroso adversário do chamado regime de **habilitação**, tão do agrado dos nossos pedagogos. Êle próprio definiria: "A habilitação, na opinião vulgar, consiste em responder improvisadamente sôbre qualquer matéria a questões meramente escolares". Neste ponto, amparava-se em Einstein, que afirmara ser muito dos professores formular perguntas de difíceis respostas, quando a rigor o estímulo na arte de educar está em "descobrir o que o aluno sabe ou é capaz de saber". A base na pedagogia einsteiniana era a **intuição**. A respeito das teorias do grande matemático, concernentes à matéria, dirigiu João Ribeiro a Afranio Peixoto, uma carta que se tornou famosa pelo que encerrava de reparos ao sistema educativo nacional. De maneira geral, o objetivo do ensino entre nós —afirma — não cogita senão de verificar, por meio de **exames**, o grau de aproveitamento do aluno. Importa pouco o que tenha aprendido. Tôda a atenção se volta para o que **deveria** saber. Êsse processo levou-o a classificar de **examinologia**, o critério em que assenta suas raízes o ensino pátrio. Resulta daí que, para o educando, todo o interêsse do estudo reside no número de **pontos** obtidos perante a banca examinadora. E nunca na soma de conhecimentos realmente adquiridos, criteriosamente agrupados.

Como se vê, a seu julgamento, a educação não se faz como seria de desejar. Acha que há muita

solenidade da parte dos professores,o que redunda em lamentável traição ao ensino, que só pode ser proveitosamente ministrado irmanando mestres e alunos.

Discorda do uso dos **Lusíadas**, na classe, e lembra que foi sempre com muito maior rendimento para êle e os de sua geração, a análise do **Dom Jaime**, de Tomaz Ribeiro. Humanista puro, critica o abandono da **retórica** no ginásio moderno. E nas **Páginas de Estética**, diz que cederia gostosamente as suas prendas nesse campo, a quem lhe "concedesse os foros de um novo professor Cazuza". Êsse professor com notório sentimento de veneração, citado por mestre Ribeiro, foi quem o pôs em contácto com Quintiliano, nas suas ativ[illegible] escolares.

A **Colmeia** inser[illegible]a carta [illegible]e, quando João Ribeiro [illegible]a as su[illegible]ções de pedagogo, vai [illegible] assunto [illegible] estão na época dos exa[illegible] os rap[illegible] sentam-se "t[illegible]cabis[illegible]mildes, a alegria pr[illegible]idade [illegible]das da magistral do[illegible]es".

Na verd[illegible]rato [illegible]logi[illegible] contraste com [illegible]cias [illegible], no meu próprio [illegible]sial [illegible] que, aterrorizand[illegible] va às regiões do [illegible] **aprovação** com 3 2/[illegible] lindo bigode de azevi[illegible] na crise ideológica; Ac[illegible] à Gramática de Floriano [illegible] seus finíssimos lenços de [illegible]

adquirí-la, não passa de uma farça ou de uma tragédia ou talvez de ambas."

O regime **eclético** da educação, a que assistimos, todo êle uma associação dos princípios pedagógicos dos séculos XVIII e XIX, persegue a harmonia entre o **esfôrço** e o **interêsse,** na teoria e na prática escolar. Êste método aspira a ser o mais esclarecido subsídio ao tormentoso problema educacional. Nele encontram-se, devidamente equipados, os materiais **psicológico, científico** e **sociológico,** com mais o **industrial,** insuflado êste pelas teorias avassaladoras de John Dewey, que tem sido, nesses últimos tempos, o filósofo da educação mais visado pela crítica. A sua obra, que para alguns se eleva às culminâncias da última palavra, como para Moore, que, na matéria, a faz remontar e exceder ao próprio Platão, apresenta-se aos olhos de muitos, como um perigoso tratado **ideológico** do ensino. Herman Horne, por exemplo, com muita serenidade esquemou a sua **The Democratic Philosophy of Education,** para acompanhar linha a linha as reflexões do trabalho que os senhores Godofredo Rangel e Anísio Teixeira traduziram para o nosso idioma, com o título de **Democracia e Educação.** Stanley-Hall esquadrinhou-lhe, igualmente, o livro **How we think,** e como um dos maiores responsáveis pelo biogenetismo da escola-nova, que o autor classificou de "imbecil", por subverter os valores da disciplina escolar, — esquecendo-lhe as características **industralistas,** já de vôo ensaiado, chama a Dewey "moderado e inofensivo"...

Não sou autoridade em pedagogia. Nem mesmo sei como se operou em mim, o milagre de aprender a ler e escrever. Contudo, embora adepto dos cuidados exigidos pela natureza infantil, que Rousseau tão genialmente proclamou, que Pestalozzi melhor do que ninguém compreendeu e a que Froebel deu extensa aplicação prática, entendo que não se pode levar muito longe o conceito de **interêsse** ou **espontaneidade,** sem prejuizo do rendimento escolar propriamente dito. Aliás, dêsse ponto de vista, Dewey muito se indentifica com Herbart, que foi um estrênuo correligionário da **cátedra.**

Aí temos, canhestramente vasado, um palmo de material pedagógico. Deliberadamente, procurei avivar a matéria antes de apresentar João Ribeiro como técnico de educação. E' que tendo sido êsse, por excelência, o seu campo de atividades — mas nunca de consumições — não pretendia sujeitá-lo ao julgamento do leitor, sem haver, embora de maneira sucinta, feito girar o caleidoscópio dessa ciência, e apontar os mais conformes com as necessidades de uma sólida e útil preparação humana.

* * *

Antes de mais nada cumpre indagar: qual a posição de mestre Ribeiro como educador? O grande professor brasileiro, foi sem dúvida alguma um apaixonado do padrão educacional clássico. O tipo escolar de sua preferência era, declaradamente, o **ginásio.** Por êle se bateu em tôdas as oportunidades e não deixou, nunca, de remoer as mágoas pelo fato de ter que seguir um programa de ensino, a seu entender, divorciado dos verdadeiros interêsses

da classe estudantil. João Ribeiro era, visceralmente, contrário a tudo quanto não representasse um esfôrço natural no mister escolar. Entendia que ao educando não cumpria **saber,** mas **aprender,** aprender sempre. Era pois rancoroso adversário do chamado regime de **habilitação,** tão do agrado dos nossos pedagogos. Êle próprio definiria: "A habilitação, na opinião vulgar, consiste em responder improvisadamente sôbre qualquer matéria a questões meramente escolares". Neste ponto, amparava-se em Einstein, que afirmara ser muito dos professores formular perguntas de difíceis respostas, quando a rigor o estímulo na arte de educar está em "descobrir o que o aluno sabe ou é capaz de saber". A base na pedagogia einsteiniana era a **intuição.** A respeito das teorias do grande matemático, concernentes à matéria, dirigiu João Ribeiro a Afranio Peixoto, uma carta que se tornou famosa pelo que encerrava de reparos ao sistema educativo nacional. De maneira geral, o objetivo do ensino entre nós —afirma — não cogita senão de verificar, por meio de **exames,** o grau de aproveitamento do aluno. Importa pouco o que tenha aprendido. Tôda a atenção se volta para o que **deveria** saber. Êsse processo levou-o a classificar de **examinologia,** o critério em que assenta suas raízes o ensino pátrio. Resulta daí que, para o educando, todo o interêsse do estudo reside no número de **pontos** obtidos perante a banca examinadora. E nunca na soma de conhecimentos realmente adquiridos, criteriosamente agrupados.

Como se vê, a seu julgamento, a educação não se faz como seria de desejar. Acha que há muita

solenidade da parte dos professores,o que redunda em lamentável traição ao ensino, que só pode ser proveitosamente ministrado irmanando mestres e alunos.

Discorda do uso dos **Lusíadas,** na classe, e lembra que foi sempre com muito maior rendimento para êle e os de sua geração, a análise do **Dom Jaime,** de Tomaz Ribeiro. Humanista puro, critica o abandono da **retórica** no ginásio moderno. E nas **Páginas de Estética,** diz que cederia gostosamente as suas prendas nesse campo, a quem lhe "concedesse os foros de um novo professor Cazuza". Êsse professor com notório sentimento de veneração, citado por mestre Ribeiro, foi quem o pôs em contácto com Quintiliano, nas suas atividades escolares.

A **Colmeia** insere a sentida carta a Afranio e, quando João Ribeiro nela inicia as suas lamentações de pedagogo, vai direto ao assunto. Diz que estão na época dos exames, e que os rapazes apresentam-se "tristes, cabisbaixos, humildes, desfeita a alegria própria da idade pelas rajadas da cólera magistral dos seus juizes".

Na verdade, o aparato da **examinologia,** em contraste com as deficiências do ano letivo, como no meu próprio tempo ginasial, era qualquer coisa que, aterrorizando-nos, por vêzes, nos arremessava às regiões do deslumbramento em face de uma **aprovação** com 3 2/3... José Oiticica, com o seu lindo bigode de azeviche, a mosqueteiro, e em plena crise ideológica; Adrien Delpech, transmitindo à Gramática de Floriano de Brito, o **ciclamen** dos seus finíssimos lenços de cambraia; Otelo Reis, o

mais suave dos lentes de **ausenciografia**... — meu Deus!, que homens difíceis de se enfrentar, numa banca de exame!

De coração, não tanto, mas um pouco à feição de João Ribeiro, só Pedro do Couto.

— O menino sabe que o 1.º governador geral do Brasil foi...

— Foi... sim senhor...

— Estou satisfeito.

E uma hora depois, um boletim berrava, no casarão da rua Larga, os nossos foros de historiador...

*

Mestre João, entendendo que o curso secundário para se manter fiel à base humanística, não comportava a interferência de climas estranhos, combateu afincadamente certas inovações, que chamou de impertinências da má orientação do ensino. Opinando que a educação do homem é uma atividade eminentemente **humana**, e daí o talhe moral e o porte intelectual dos **clássicos**, se aproxima de Knapp, quando êste afirma que "só o ginásio forma o homem; e que à escola superior compete modelar o **especialista.**"

Punindo pela instituição do princípio **vocacional**, pergunta: "Haverá, por acaso, uma só expressão para a inteligência humana"? E logo responde: "Os homens e todos os seres são vários e provavelmente não há ninguém inútil". A estupidez humana, pois, para o bondoso João Ribeiro, é uma falha da nossa própria capacidade psicológica, isto é, um simplismo de nossa parte, no julgar a inteligência alheia.

Sumariamente, não rende preito à organização

do ensino nacional. E se as deficiências se contam em qualidade, não menos em número se tornam passíveis de crítica. A existência de um **ginásio** único, ou seja, o veterano Colégio Pedro II, parece-lhe pilhéria. Conhecendo os sistemas de educação dos mais adiantados países, que esmiuçou nas suas proveitosas excursões ao Velho Mundo, sentia vergonha do confronto, e lembrava que Berlim, o mais avançado centro de cultura humanística, possuia para mais de vinte estabelecimentos padrões, isto é, do tipo estritamente ginasial.

O Distrito Federal não poderia pois contar com menos de três colégios do gênero, localizados de modo a distribuir equitativamente o ensino clássico pela população escolar.

A extensão de algumas cadeiras parece-lhe igualmente criticável. A de literatura, por exemplo. Como entender os clássicos de uma assentada, se cada um deles pede uma vida para a sua perfeita compreensão? Há mesmo nesse particular detalhes que não devem ser descurados. Sertillanges recomenda no seu admirável trabalho **A Vida intelectual**, que não é aconselhável manusear os escritores da antiguidade, esperando neles encontrar aquilo que na nossa imaginação representa o valor de cada um. Dêsse tipo de leitura é que nascem algumas decepções.

João Ribeiro, também, nas **Páginas de Estética**, agita magistralmente o assunto, e pleiteia para os clássicos um contacto atento e meditado.

O ensino técnico, que vem dia a dia firmando conceito nas esferas educacionais, já encontrara um adepto em mestre João, que não regateia lou-

vores à reforma. Fernando de Azevedo, a seu ver perfeitamente lógica, na simplicidade da estrutura. Prefere, mesmo, êste último tipo de aprendizado, às escolas primárias, de conteúdo inexpressivo. Como Jefferson e Madison, põe na educação popular a segurança das instituições republicanas.

Em harmonia com as idéias einsteinianas, assegura que estariam sanadas as imperfeições do nosso critério pedagógico, no dia em que se adotassem as medidas que levam o mestre a confraternizar com o aluno, em vez de se tornar seu algoz. E alega: "Se um professor hábil organizar uma lista de quarenta ou cinquenta teoremas e problemas da geometria e do cálculo, sem o intuito de dificultar, e só com o intento de abranger o essencial da matéria; se ao mesmo tempo publicar essa lista com a antecedência de dois ou três mezes, pode contar-se com segurança que o aluno que os puder demonstrar ou resolver está perfeitamente habilitado."

Para João Ribeiro, e confessadamente, o mal do ensino está na improvisação.

Pestalozziano por índole, o seu grande amor era a criança. Para êle nada valia os sorrisos e a experta ingenuidade do mundo infantil. Com muita propriedade diz dele Múcio Leão: "Foi êsse amor que o levou a defender a introdução em nosso país de certos métodos de instrução brandos e fáceis". O próprio mestre confessaria: "A atividade única de que me não arrependo foi a de ter ensinado algumas verdades triviais a milhares de inteligências juvenis". Aludindo às quatro **profissões decentes** de Stevenson (pastor, mestre-escola, lavrador e marinheiro) declara-se feliz por não ter sido, assim, "inteiramente inútil".

A capacidade de João Ribeiro, como técnico de educação, revela-se, contudo, na famosa **Memória histórica,** apresentada no ano de 1901, à Congregação do então Ginásio Nacional. Essa **memória** vale por um projeto de completa reforma do ensino secundário. Diz: "O Ginásio Nacional compõe-se de dois estabelecimentos: o Internato e o Externato. Em ambos haverá por quatro anos um curso técnico **(propedêutico, científico, real)** e no Externato, exclusivamente funcionará o quinto ano, que é o complemento **clássico** dos estudos anteriores e habilita ao bacharelado em letras".

Depois de enumerar as cadeiras dos cursos, enfrenta o problema do exame de admissão, que classifica de "irrisório e ilógico". A seu entender, êste exame deveria constar apenas do "conhecimento completo da aritmética prática, e das primeiras linhas da gramática", única maneira de corresponder às debilidades do primeiro ano ginasial para mestre João de conteúdo nada superior ao de uma escola primária em "tôdas ou quase tôdas as matérias".

Ocupando-se do 5.º ano, propõe "uma cadeira de **filosofia** como já houve, ou ao menos de **psicologia, psico-física** ou da **história das ciências.**"

Argumentando que em Portugal estuda-se árabe nas faculdades de letras, por influência do domínio asiático na península, sugere um curso do **tupi-guaraní,** nas disciplinas do bacharelado.

Há de sustentar ainda a conveniência do estudo das **ciências físicas e naturais,** que estima co-

mo "um preliminar tão legítimo como o é a **matemática** para a série abstrata".

Como, porém, a contradição, em João Ribeiro, é uma condição da própria vida... menos de uma década mais tarde, e em desavença com o doutor Rodolfo von Ihering,, de São Paulo, apeará do primitivo ponto de vista, para assegurar que uma boa educação ginasial deve, tanto quanto possível, repelir as **ciências naturais**, porque "nada ou muito pouco terá ela que ver com a química ou a zoologia'.

E' que a sua paixão pelos clássicos estava — quem sabe? — nessa altura da existência, robustecida por uma melhor ou mais profunda compreensão do significado humanístico.

A rigor, o temperamento variável de mestre João não daria ensanchas ao preceito kantiano de que "a uniformidade entre os homens não será possível enquanto não se submeterem, todos, aos mesmos princípios, e êstes não constituirem neles uma segunda natureza".

João Ribeiro não era, decididamente, um homem de princípios definitivos. Em evolução constante, permanente, só o animava um sentido: o da liberdade do espírito, para pensar, para filosofar tranquilamente. Entre o formalismo da vida e o inatismo das suas inocentes versatilidades, se poderia acomodar o raciocínio de **Toby**, quando Sterne, fazendo-o libertar a mosca que por tanto tempo o torturara, dera-lhe a mais ampla compreensão da vida. De fato, o mundo é bastante espaçoso para que estejamos a atropelar-nos uns aos outros...

João Ribeiro, é uma coisa. Outra, as suas peculiaridades.

E tanto é assim, que, colocadas nos seus justos lugares, essas peculiaridades, ínfimos detalhes no conjunto de uma existência superior, terão o destino da mosca do **Tristram Shandy** ,perpetuando-se, entretanto, para a serenidade da marcha, no tempo, o vulto dêsse eminente professor, justíssimo orgulho do magistério nacional.

NOS DOMÍNIOS DA HISTÓRIA

ANTES de João Ribeiro, os nossos historiadores fiavam-se todos da cronologia, e a ordem da narrativa era o fator tempo, guardados, religiosamente, os imperativos das sucessões. Mesmo os mais destemidos e incansáveis pesquisadores dos nossos feitos, não chegaram a uma orientação crítica da História pátria. Os seus esforços, dignos por tôdas as razões, eram despendidos no sentido de uma investigação estafante, mas nunca verdadeiramente crítica. Faltava-lhes, talvez, o senso do valor intrínseco da história, o engenho mais das causas que dos efeitos. E' verdade que a moderna concepção do assunto só veio mais tarde, e que êsses historiadores também não tinham em mira a difusão do ensino histórico. Eram tão só consignadores de fatos e explanadores de questões internas. E, longe de tentarem a dedução, tôda a sua operosidade se limitava às confidências dos arquivos e às frias revelações dos documentos.

Para que se tenha de João Ribeiro, historiador, uma idéia exata, precisa, cumpre não tomá-lo isoladamente. Quem da matéria não tivesse nenhumas noções, e perlustrasse a História do Brasil, de mestre João, colheria, por sem dúvida, a mais amena das impressões de leitura, mas, ainda assim, não lhe teria compulsado o mérito. Este só pode ser

conhecido num estudo comparativo da produção histórica do passado. João Ribeiro é um ponto de chegada, e jamais se avaliará da distância percorrida, se não nos for dado conhecer de onde partimos.

A história, em nosso país, teve o seu desenvolvimento marcado por oito fases distintas. A primeira, em que exerceram predominância as "cartas anuas", relatórios, diários, biografias, descrições corográficas, e que vai de 1500 a 1627. São escritores desse tempo: Gandavo, Nóbrega, Anchieta, Cardim, e maior que todos, Gabriel Soares. A segunda, que abrange um período compreendido entre Frei Vicente do Salvador e Rocha Pitta, isso da última data referida até 1730. Aí, encontramos, já, uma tentativa de metodização em Frei Vicente, e uma narrativa, por particular razão, bastante suspeita, do autor da História da América Portuguêsa. Na terceira fase, estudam-se as capitanias e a nobreza nelas imperante. Escrevem, nesse período, Jaboatão, Frei Gaspar, Roque Lem, Pizarro de Araujo e outros. Essas atividades se fazem sentir até 1820. Dessa data, até à primeira metade do século XIX, surge um movimento para os relatos gerais, que vão encontrar em Cairu e São Leopoldo os seus mais credenciados representantes. Com Varnhagen, João Francisco Lisboa, e três outros historiadores de pouco fôlego, Pereira da Silva, Norberto Silva e Rayol, a matéria se expande para a história verdadeiramente geral, pela pena do primeiro, e para a limitada a certas zonas ou épocas, nos demais. Se acrescentarmos Felício dos Santos, com as suas "Memorias do Distrito Diamantino", teremos encerrado o ciclo de uma vintena de anos de estudo.

Com Joaquim Caetano da Silva, o Barão do Rio Branco, Ramiz Galvão e alguns mais, entramos a fase das monografias eruditas. E, por assim dizer, isolado, vem depois Capistrano.

Ora, entendido está que, dos albores do seculo XVI às vesperas de nossa Independência, tôda a atividade era uma contribuição à história que se teria de escrever no futuro. E essa responsabilidade haveria de recair aos ombros dos que se abalançassem a fazer o inventário da Colônia e do primeiro Império. Pronta réplica encontrou êsse mister em Francisco Adolfo Varnhagen, que foi o primeiro a darnos uma visão de conjunto dêsse vasto período, já não de memória, ou socorrido de fontes inhábeis, como era mais ou menos vêzo nos escribas dessas épocas, mas em honesta operosidade nas verdadeiras fontes de consulta. Seguido do autor dos "Apontamentos para a história do Maranhão" e de Capistrano com os "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil", consagravam-se êsses três eruditos historiógrafos como os expoentes da arte de relatar o passado. Porto Seguro, pelo gigantesco do seu empreendimento; João Francisco Lisboa, pela contribuição liberal aos seus labôres e, sobretudo, pelo estilo elegante, límpido, sugestivo, só então visível em escritos dessa natureza; Capistrano de Abreu, além da sua notável erudição, ainda mais rica do que a de Varnhagen, pelos novos caminhos desbravados à consideração das estradas, vias de povoamento, primeiras indústrias coloniais e, de maneira particular, à íntima correspondência entre a geografia e a história.

Mas, não era tudo. Se já nos havia sido dada

uma impressão de fôrça, de vitalidade, no cômputo de nosso desenvolvimento político; se o liberalismo já se fizera sentir em tôda a sua nobre altivez; se as pesquisas de caráter social entravam a imprimir um cunho estranho às atividades dos historiadores patrícios, ainda assim à história se estava a dever alguma coisa: a sua sintetização e a interpretação crítica ou psicológica. E dessa dívida se incumbiu João Ribeiro.

E' fácil de ver, pois, a sua posição de historiador. Antes dêle não seria possível uma visão panorâmica da nossa evolução político-social. As interpretações eram fragmentárias, e em que pesem a erudição e o labor honesto dos escritores que a tentaram, nenhum se assessorou do método expositivo pôsto em prática por mestre João. Êle marca um momento na historiologia do país. Dêle promanam as características da nova concepção do estudo. A êle se terá que louvar, pelo acessível em que hoje se encontra o emaranhado monumento da nossa civilização.

João Ribeiro traçou o seu compêndio à feição das novas diretrizes pedagógicas, quando Langlois e Seignobos haviam fixado novos rumos, na sua "Introdução aos estudos históricos", quando Lavisse já publicára os seus "Albuns" e Fornelli, na "Educação Moderna", clamava pela aplicação do "método da mente científica e artística à mente prática". De resto, tomando ainda por base Handelmann e o critério recomendado por Martius, para o estudo da nossa história, critério pelo proprio autor objeto destas considerações, tido como ainda vago e inexato, verdadeiramente apenas se caracterizando pela

"multiplicidade de origens e de pontos de iniciação", não podia mestre Ribeiro furtar-se à coroa de precursor da "síntise" aplicada à nossa crítica histórica. O descobrimento do Brasil, que em todos os nossos historiadores, e nos que fizeram a nossa história, começa e por acaso com o desembarque de Cabral em terra firme, com João Ribeiro, amparado no "Esmeraldo", de Duarte Pacheco, e eruditamente na significação da "derrota pelo mar de longo" — o **secundum mare** dos romanos — transcende ao duplo ciclo dos navegadores, onde êle encontra as causas específicas da arremetida. O domínio holandês, explica-o servindo-se da expansão econômica da Europa, dos pruridos belicosos do comércio livre, donde surgiram as primeiras desavenças internacionais, com o **mare clausum** e o **mare liberum**, precisamente o que constituiu uma das mais notórias características do século XVII. Definiu, em sua admirável interpretação psicológica dos primeiros passos da vida nacional, as tendências sentimentais de cada grupo social, para êle em número de quatro. Na Bahia vê o espírito religioso e as inclinações para a tradição; em Pernambuco, a sede do radicalismo republicano; no grupo de São Paulo, a que associa Minas e o Rio de Janeiro, percebe as ondulações do liberalismo moderado; e por fim a Amazônia se lhe apresenta demasiado indiana, para não esconder o gérmen do separatismo, assim como o Rio Grande, em virtude de sua recente formação, consideràvelmente influenciado pela proximidade do Prata. Mas, por muito que nos houvesse prendado, João Ribeiro ainda não se dava por satisfeito. Em livro suplementar, que desejou fôssem as "No-

tas Marginais", pretendia êle dissipar a névoa que, por demais recalcitrante, insiste em perturbar a visibilidade aos estudiosos. São palavras suas, em artigo no "Jornal do Brasil": "A nossa história não nos conta o resto das coisas. Deixa-o na obscuridade. Lendo-a, temos a impressão de que é iluminada a relâmpagos". E mais adiante: "O método cronológico, que é indispensável na história, obriga a só registrar os acontecimentos e os fatos, esquecendo a psicologia e a história dos indivíduos". Êsse trabalho, como êle mesmo desejava, entre outras curiosidades havia de dar-nos conta da vida de Cabral, após sua rápida estada entre nós; de Tomé de Sousa, o fundador da nossa primeira cidade, e que aqui não morrendo, certo, haveria ainda de apresentar instantes de algum interêsse; de Pero Vaz de Caminha, o profeta da fertilidade do nosso solo, e assim por diante. Sonho vão, porém. Porque, além de algumas notas esparsas, em jornais, não logrou João Ribeiro levar a cabo a emprêsa. Não importa. O que ficou da sua dedicação de historiador é prestimo inestimável, e a sua memoria jamais deixará de ser reverenciada pelos que, necessitando de luzes, recorram aos seus sábios ensinamentos e à inigualável orientação que imprimiu aos estudos históricos em nossa terra.

Assombra-nos ver que o senso dessa disciplina, tinha-o, mestre Ribeiro, como ninguém, inclusive Capistrano de Abreu, outro insondável poço de erudição. Com efeito, depois de afirmar, em artigo no "Imparcial", que "nos grandes paises europeus não seria possível separar a história nacional, que se confunde integralmente com a geral, a partir da

idade-média", diz, em outro escrito que "o defeito dos nossos historiadores é o de separar, por preguiça ou comodidade, a história nacional da história do mundo", e que "essa anatomia nos reduz a uma vida meramente celular, fora da morfologia histórica".

No seu discurso de posse no "Instituto Histórico", afirma: "O caráter de um povo, ou o que é o mesmo, o fato mais assíduo e freqüente da sua História, pode, talvez esclarecer-nos a sua vocação ou o seu destino". E depois de retratar-nos como um povo fundamentalmente "conservador", diz: "A lentidão no resolver o anacronismo dos recursos, o **misoneismo** cauto e seguro contra idéias recentes, parece ter sido a nossa bússola desde os primeiros passos". E mais adiante: "Ao Brasil, antes que visse a Luz, já a diplomacia lhe havia traçado contôrno. Nasceu sob medida. O meridiano de Tordesilhas marcava-lhe a extensão do berço". Êsse discurso em estranho estilo, na verdade apenas uma página de conceitos, sôbre ser de uma rigorosa exatidão, é todo vasado dando largas ao seu inexaurível pitoresco.

NO CAMPO FILOLÓGICO

PASSANDO à filologia, temos aí uma das mais curiosas facetas do seu temperamento. Contraditório como talvez em nenhuma outra parte, se fêz apesar disso, a sua autoridade, cada vez mais acreditar. Em princípio, João Ribeiro era um clássico. Mas punindo pela evolução do idioma. Para uma língua brasileira? Não. Para a língua portuguêsa falada no Brasil. Entende que o escritor brasílico deve fazer assistir-se das aglutinações indígenas, africanas e plebéias. Mas não consente que se polua a dignidade da sintaxe mater, a tradição clássica da língua, numa palavra, a sua uniformidade. Quanto a dialeto brasileiro, que admitiu, não o quer ver na lingüagem dos escritores. Que o fale, apenas, o vulgo. Mas, na sua tese de concurso, "Morfologia e colocação dos pronomes", acha que devemos tornar-nos independentes. E em seguida a apelar para a ciência indutiva, onde dá guarida à lingüistica, ciência de pura investigação, conclue que a questão preferencial ou de correção é do domínio exclusivo da literatura, e por conseguinte de natureza artística. Não admite, pois, interferência alienígena no assunto, porque ao artista é dado produzir, segundo o seu temperamento.

Mas mestre João, que já nos havia servido com os seus "Estudos Filológicos", publica as "Páginas

de Estética", a que se seguem "O Fabordão", "Crepúsculo dos Deuses" e as "Frases Feitas". Que vemos então? João Ribeiro, ledor sem tréguas de Bernardes, Vieira e Frei Luiz, apresenta-se-nos um clássico de viseira e gládio. E' o purista da forma e do estilo, diferenciação que, aliás, com êxito, logra demonstrar na coletânea da editora de A. M. Teixeira, de Lisboa. Nenhuma liberdade, nenhum brasileirismo, nada que maculasse a pureza do luso **pallium**. E' o culto da língua mãe, por excelência. Na gravidade do manejo. Na austeridade da estrutura. Nas "Páginas de Estética", é, porém, onde, a par de uma substanciosa interpretação filosófica da arte, se revela o ensaísta em pleno delírio da tradição clássica. Êle, que já havia chamado à ordem Melo Carvalho, pelo uso de expressões obsoletas, se desmanda em tantos outros anacronismos lingüísticos. Nessa obra, particularmente, e no "Fabordão", vai às do cabo. Mostra que sabe, mesmo, embora êsse acervo paleontológico esfume, aqui e ali, a amenidade e os atrativos sem par do escritor. Pena é que tal acontecesse, porque as "Páginas de Estética" são, no campo em que devem ser classificadas, uma realização literária de alcance excepcional. A sua larga visão de estilo e forma, as teorias da arte, o mistério na arte, a simbolística, o misticismo, a literatura comparada e, sobretudo, os ensinamentos que ali se colhem para o trato dos clássicos, afirmam-no um hermeneuta seguro, uma mentalidade pujante, um crítico de inexcedíveis recursos. E êle, o antípoda da estática, o anti-cristo do misoneísmo, aí condena, por assim dizer, a evolução na arte, classificando mal o "modernismo", êsse

mesmo modernismo, que um pouco mais tarde o haveria de encher de entusiasmo, por entender, como bom evolucionista que era, os imperativos da renovação. A reforma ortográfica deu azo a que João Ribeiro, ágil e fogoso como um gentilhomem, mais uma vez desembainhasse a espada das suas contradições. Em 1907 era pela simplificação. E achava, mesmo, que se a Academia não tinha voto legislativo na matéria, então ninguém mais o teria. Bateu-se com denodo pela idéia de Medeiros, e não foram poucos os seus esforços para vencer sem convencer a Salvador de Mendonça, Sílvio e alguns mais. A reforma passou, mas se consumiu na indiferença geral. Mestre João não perdia as esperanças, e a todos pedia que tivessem paciência, que a coisa iria, era uma questão de tempo...

Quatro anos depois, Portugal remexe os anestésicos, na sua farmácia filológica. O bisturi dos gramáticos escalpela aqui e ali, e retira, já supurado, o apêndice da reforma de 911. Mas o fêz por conta própria, sem troca de notas com a Academia Brasileira. Era o sonho do professor Ribeiro. E êle? Sem nenhuma contemplação, desanca a iniciativa da Academia de Ciências de Lisboa. Razões de gramático? Não, de patriota. Nas "Cartas Devolvidas" encontra-se a exaltação do seu ânimo pelo insólito gesto luso. Ao contrário do que hoje se verifica, mandando-se, em plena guerra, uma delegação à Torre de Belém, para o acôrdo definitivo do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa, os doutores de Lisboa emendaram, à época, ao que já se chamou o "túmulo do pensamento nacional", sem consulta aos interêsses da "colônia"... Nem

era para menos a indignação. Numa terra, cujos homens de letras desfrutavam, em nosso país, a mais ampla popularidade, andavam os nossos poetas a ser chamados de Castro **Alvares, Alves** de Azevedo e quejandas; o brilhante Franklin Tavora cedia as honras do "Matuto" e do "Cabeleira" ao barão do Loreto, e o próprio mestre João era citado como Júlio Ribeiro! Não, isso não podia ir assim, à matroca. A reação à reforma seria o mais brioso depoimento da dignidade nacional. E João Ribeiro, bravo, destemeroso, reagiu. Os seus sentimentos nacionalistas sobrelevaram-se aos do reformador. Era o cisma. Lutero, em pleno século XX, no mais solene protesto contra a igreja ortográfica de além-mar. Uma contradição, ou mais uma? Pouco importava ao mestre contraditório por excelência. Com o que êle se não podia conformar era com a desconsideração à sua pátria, à sua gente. Pois aqui não viviam e respiravam, em 1911, trinta e cinco milhões de brasileiros?! Como então explicar-se semelhante desprêzo por uma comunidade independente e que, apesar de tudo, tudo fazia para manter a unidade e a uniformidade da língua? João Ribeiro, assim pensando, não se afastava da razão. Era gramático, sim, e pela simplificação do idioma. Mas antes de tudo e acima de tudo, era nosso, era dos nossos. Como Segismundo, que proferira, alhures, uma impropriedade, êle poderia responder, acomodando a questão: "Não sou o rei dos romanos, mas, como brasileiro, estou acima da ênfase filológica de importação..." Integrando a comissão de parecer da Academia que teve, em Lúcio de Mendonça, o seu "quantum satis", mestre João assinou,

vencido, o protocolo que dava ganho de causa aos lingüístas de Lisboa. Vem daí a sua posição de gramático. Clássico, pela formação do espírito. Moderno, pelos direitos que, patriòticamente, reconhecia às ânsias emancipadoras do lingüajar nacional. Quanto à morfologia, achava que se devia escrever em português. Mas do ponto de vista temático e da sintaxe, já não lhe eram para desprezar as contribuições de caráter autóctone. Nem podia ser de outra maneira, que outra seria anular-nos os sentimentos individuais, a vibração mesma dos trópicos na nossa receptividade estética.

Como conhecedor da língua, a autoridade de João Ribeiro forçou louvores de Rui, na "Réplica", e dentre outras sumidades na espécie, mereceu congratulações de Cândido de Figueiredo, um dos mais rixentos filólogos de todos os tempos, e que assim se referiu à sua gramática: "não será fácil mencionar um compêndio que sobreleve a êsse no rigor do método, na exatidão da doutrina, e na pureza, clareza e correção da forma". Mas êle não se dava muita importância como gramático. E a todos chamou, no Fabordão" — "casta temerosa e intratável". Coisas de João Ribeiro. Sutilezas de seu temperamento contraditório...

* * *

Joaquim Nabuco, aludindo a uma de suas indisposições ideológicas, classificou-a de "estado de espírito". E em João Ribeiro, o estado de espírito era tudo. Vem daí, por certo, a sua duplicidade de estilos. Às boas com Portugal, é clássico. De arru-

fos, contemporâneo. De resto, o estilo não é senão uma repercussão de determinado estado de espírito. "O estilo é o homem", sim, mas nas suas múltiplas manifestações sentimentais. Negar-se estilo a Cícero, e conferí-lo a Tácito, como o pretendeu certo crítico tedesco, só porque o primeiro agia em função política, sacudido pelas paixões do Senado romano, não me parece critério a padronizar. Ter estilo, para o escritor, é a faculdade de se comunicar, em linha reta, com o leitor. Não se apura em função de que sentimento. Tanto é assim que o próprio João Ribeiro, em cujas "Páginas de Estética" dá guarida a Luis Boerne, consegue atrair sempre. Quer como clássico, quer como escritor evoluido. E por que atrai? Porque realiza o "vis-a-vis". Porque seduz o leitor com os encantos de um "savoir-faire" presente na quase totalidade de suas produções. São de ontem as querelas dessa natureza entre Machado, Sílvio, Lafayette, Tobias, Taunay e tantos outros. Que resultou daí? Nada de prático. Alguns se explicaram a si mesmos. Outros fôram explicados por terceiros. E todos sobreviveram. Cada um com o seu estilo. Em última análise, e aproveitando a lição do eximio tradutor do "Coração" de d'Amicis, não é tudo isso uma simples questão temperamental, inteiramente alheia à bitola científica? Como, pois, determinar-se um estilo, se os estilos variam, e têm que variar sempre, na justa e igual medida dos agentes de propiciação? A forma, sim, pode ser literária ou não. Mas o estilo há-de estar, sempre, acompanhando a sensibilidade. E é por isso, que não se pode falar do estilo de João Ribeiro, mas dos seus estilos.

ENTRE AS MUSAS

JOÃO Ribeiro foi um poeta inspirado, se bem que se ressentindo, por vêzes, do excessivo policiamento gramatical. Mas versejou e o fez com naturalidade. São seus melhores livros dessa fase "Avena e Cítara" e "Versos" que publicou em fusão, logrando o último três edições. Avançado no idioma de Schiler, traduziu com brilho poetas alemães. No momento em que também tangiam as suas liras Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, João Ribeiro teria, forçosamente, de agasalhar o parnasianismo. E por êsse caminho, mesmo sem os dois chefes, com mais Raimundo, teria êle que enveredar, visto ser a escola que lhe serviria às maravilhas, repousando como repousava na forma, na técnica rebuscada, nos atavios do estilo. João Ribeiro gramático e, portanto, cioso da língua, não seria difícil prêsa para a poesia da forma. E foi poeta parnasiano. Estro descritivo, com uma noção arejada de objetividade, é quando mais conciso e impressivo se nos apresenta. "À margem do Paraíba", por exemplo, é uma aguarela de finíssimos matizes:

"Vai a tarde caindo. O cafesal frondoso
Desce pela montanha em ruas alinhadas.
Vê-se ao longe passar sôbre as nuas arcadas
D'uma ponte de ferro o longo trem ruidoso...

No rúbido ocidente as nuvens abrasadas
Esfolham com mãos d'oiro amarrotados velos...
Moureja o rio, e à flor das ilhas isoladas,
Tremula o capinzal como erriçando os pelos".

Na descrição da aurora, o poeta ganha fôrça incomum, e o seu pincel, estonteado de luzes e de côres, espaneja a tela do seu embevecimento cósmico:

"Rompe a manhã. O pássaro pipila,
Desce do oriente um luzimento vágo,
Em baixo, trêmulo e profundo, o lago
Como placa metálica cintila.

No acidentado bloco da pedreira
Geme a cascata um chôro penitente:
Tudo tristonho vive: a cachoeira,
A ave, a montanha e o lago. De repente,

Como na forja rubra d'um crisol,
Chispeia o lago. Rubra água incendiada
Jorra a cascata frígida e abrasada,
Pega fogo a montanha... surge o sol".

Nessa mancha admirável, verdadeiramente vigorosa, a meu ver, só há a lamentar a repetição da palavra "rubra", no segundo verso da última estrofe. Para um imperante do idioma, como o sabia ser João Ribeiro, não seria difícil o enriquecimento do negativo fotográfico, com um sinônimo ou equivalente, de que o seu opulento escrínio de lingüista sempre foi honesto depositário. Não vejo, aí, em que a repetição pudesse dar fôrça ao verso. Certo,

que é meu defeito, não lhe perceber o intuito, que por fôrça o houve da parte de mestre João. Em todo o caso, seria preferível que não houvesse o que respigar...

Compôs, êle, também algumas poesias líricas e, no campo subjetivo, deu boa conta de sua ternura pelo elemento humano. Mais curioso, porém, quer parecer-me a arrancada erótica do seu estro. Trazendo nas veias o vigor das incendidas terras do nordeste, aquêle "frade medieval" no aspecto, como bem no-lo traçou o crítico de "Espêlho dos Livros", atraído, é bem possível, ainda, pela poesia sensualista de Bilac, brindou-nos com trabalhos do gênero. O seu "Museu" dá-nos, sob a epígrafe de "Entrada", uma esplêndida alegoria dos sentidos:

"Entras no banho, Fúlvia, e a linfa mansa
Onde teu pé mergulha estaca e mira,
A face, a boca — essa vermelha pira
Que o incenso em rolos do sorriso lança.

Vem prêsa à face o torso e a erguida lira
Dos teus braços em arco d'onde a trança
Em policórdio chove e abaixo atira
Do noturno cabelo a basta França

Tudo se espelha nágua sonorosa
Que de vaidades cálida borbulha
Ante o mixto de mármore e de rosa.

E a linfa corre, passa, vai, murmulha
Tôda cheia de ti, desde a formosa
Fronte ao lugar onde teu pé mergulha.

Sente-se que o último verso do segundo quarteto transforma em agudo o ângulo reto do soneto. Percebe-se qualquer coisa que onera um tanto a processualística da simplicidade. "Do noturno cabelo a basta França", para rimar com "trança", não é verso endossado pela translucides do ofício. França, aí, no sentido de fronde, de ramaria, afigura-se-me por demais rebuscado. E', positivamente, rima de gramático. Mas, não nos devemos esquecer que João Ribeiro, sôbre ser gramático, estava poetando amparado por uma "escola": o parnasianismo. No mister crítico, o tempo é o fator primordial. A "terza rima" de Dante não foi figurino para Camões. Não é, pois, de estranhar que um ligeiro recuo na cronologia nos ponha ao corrente de certas peculiaridades da lira do professor Ribeiro, e justifique alguns caprichos das suas musas. Não o faremos aqui. Mas é o processo mais conforme de se pesquisar o mérito nos que nos precederam.

Tentam-me, ainda, outras produções da espécie. E não me posso furtar a mais algumas seleções. Vejamos estes dois tercetos:

"Beijo-te a boca e sigo embevecido
Ondas sôbre ondas, pelo mar afora,
Louco, arrastado qual os mais têm sido,

Ora te vendo as formas nuas, ora
Toda nua a sentir-te em meu ouvido
Do eterno som dos beijos meus sonora".

Um trecho do "Esboço" ainda é João sensualista:

"Ela dorme a sorrir! Os seios anhelantes
Arquejam sôbre o torso imóvel — como aos
[ninhos
Fazem estremecer as vozes pipilantes...
Seios donde as paixões são meigos passarinhos".

Aí, o poeta na sua ânsia de perfectibilidade, é perfeito. Disse o que quis, o que sentiu, na mais alta expressão poética, ótimo de forma, belo de inspiração, e a ninguém forçou recurso aos léxicos. Aí, foi parnasiano sem ênfase, poeta por conta da posteridade.

Se lhe juntarmos a descrição de Afrodite, em prosa, e mais a lúbrica passagem do conto "São Boemundo", teremos um escritor na posse da mais graduada energia afrodisíaca, um mago das telas de alcova. Não confundir, porém, mestre João com os grafômanos da licenciosidade. Nele, tudo tinha um sentido estético, e não raro, mesmo por paradoxo, — moralista.

* * *

Como tradutor de poetas alemães, foi simplesmente sublime. As suas versões de Heine, Seidel, Uhland e Blumenthal são realizações de pleno êxito. Dêste último tem a interpretação "A uma criança", que é um primor de conceituação filosófica:

"No berço (e não na pedra fria
Onde em geral o mundo escreve)
No berço é que eu escreveria:
— A terra te seja leve!"

Traduzindo De Volg, assume proporções admi-

ráveis. Creio que o autor se surpreenderia, mesmo, se pudesse ter tomado conhecimento do alcance da sua produção em nosso idioma. Com o título de "Num Túmulo", escreve João Ribeiro:

"Abre-me a porta, ó meu coveiro amigo!
Eu sou filho de Marta, a abençoada,
E quero ver o lúgubre jazigo
De minha mãe.
Choravam pela estrada
Lacrimantes salgueiros. Uma lousa
Vendo, o coveiro, a voz maguada,
Diz: — Ei-la, a cova onde tua mãe repousa
— Como a tua mentira vil me espanta!
Não posso crer, alma venal, suspeita,
Que o extraordinário amor de mãe tão santa,
Possa caber nesta morada estreita!

* * *

O de que se tem notícia não é, contudo, a primeira manifestação do seu talento poético. Ao aqui chegar, com os seus vinte e um anos de idade, já trazia debaixo do braço o indefectível caderno de rimas. Talvez fôssem as primitivas arrancadas "métricas", buriladas, de cuja arte de compor se assenhoreara no "Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro"... Esse caderno tinha um título: "Idílios Modernos". Sílvio Romero, lendo-o, dêle se enamorou, dando arras ao seu entusiasmo num belo estudo crítico na "Revista Brasileira". Caso singular nas letras pátrias: o livro não foi publicado, e dêle ha um noticiário oficial!

O FOLCLORISTA

MESTRE João foi, ainda, um dos que mais prontamente se aperceberam das excelências do folclore, como elemento básico para a derivação de uma literatura nacional. Se não foi o precursor dessas atividades entre nós, foi o que mais amplas estradas rasgou ao desenvolvimento da matéria. Sílvio Romero, que primeiro se deu ao paciente mister de coligir os dados indispensáveis a uma honesta investigação do assunto, era apenas e simplesmente o colecionador. Memória privilegiada, registava tudo o que ouvia, ou de que viesse a ter conhecimento. Como material precioso podem, assim, ser considerados os seus "Cantos populares", "Contos populares" e os "Estudos sôbre a poesia popular do Brasil". Mas, faltava-lhe o senso comparativo da questão. Agia à feição de um íman, atraindo e contraindo os elementos constitutivos da poesia e da novelística folclórica, para o estudo especializado que, de futuro, haveria de empreender-se. Com essa mesma orientação, outros se puzeram em campo. Alfredo de Freitas, Sant'Ana Nery, Melo Morais Filho e alguns mais. A tarefa era recolher, coligir, registar. Tudo, num esfôrço bastante louvável para a apreciação de mais apurado cunho que os dias ainda por vir haveriam de conhecer. Essa apreciação deveria caber a quem, senhor das literaturas estran-

geiras e, consequentemente, dos seus idiomas, estivesse em correspondência com as necessidades do processo comparativo. Êsse "quem", foi João Ribeiro. Aplicado a êsses estudos, de longa data, inicia-se como autoridade nos mistérios da literatura apócrifa, a partir de 908, com a publicação da 1.ª série das suas "Frazes Feitas". No "Fabordão", em 910 e, mais amplamente, no "Folclore", em 19, e no livro póstumo "O elemento negro" dá conta de tôda a sua capacidade especulativa. Era o método científico, a crítica abalizada, posta a serviço das tradições plebéias. Lindolfo Gomes, incansável pesquizador, e nomeado por Joaquim Ribeiro, como o chefe da terceira escola folclórica, reconhece em mestre João a figura máxima no assunto. Nem podia vê-lo de outro ângulo. A êle se devia a interpretação dos textos bárbaros através da etnografia e da antropologia. Sempre amparado em muitíssimo bons autores, não lhe é moroso divizar a trilha convinhável. E assim que se informa das teorias de Grimm e Freytag, muito mais condizentes com a realidade das coisas, com o rigor científico da matéria, se dá por saturado de Max Muller e seus satélites, que tudo circunscreviam ao campo mitológico. A "alma do povo", como queriam os dois primeiros ou a "alma étnica" de Bastian, serviram-lhe de sólido ponto de apôio. Por êsse critério, o homem passa a um constante e permanente estado evolutivo, recebendo, diretamente, do passado e do presente, e mais daquêle, os influxos da grei, da vida em bando. Não há o indivíduo. Há um material de receptividade para as cargas ancestrais. Adolfo Bastian chegou mesmo a desejar a

substituição da expressão "eu penso", por "pensam em mim". Não é preciso dizer mais. Nisso está tôda a teoria consubstanciada. E o amor e o apêgo de João Ribeiro, à matéria, vão a tal ponto, que êle se constitui entre nós, no mais fervoroso adepto da investigação dos sentimentos populares. E escreveu: "Estudando o folclore, estudamos a nossa fôrça invisível, que é, todavia, a que mais prepondera em nossos destinos". Marcou época, nos arraiais da cultura patrícia, o seu curso de 8 conferências, a convite de Cícero Peregrino, realizado na Biblioteca Nacional.

Estas palestras tiveram a seguinte titulação:

O folclore. Métodos de pesquisa. A língua e a literatura popular. A novelística nas suas formas literárias. Os contos populares. Fábulas e histórias de animais. Apólogos.

Os mitos.

O folclore infantil.

Crendices, superstições, Idéias práticas e religiosas. O romance. A poesia popular e a sua técnica.

Síntese geral do folclore. Conclusão.

O livro "Folclore", contudo, não corresponde à planificação dêsse curso. Dando-o de improviso, e apenas orientado por algumas notas, mestre João não teve como reproduzí-lo, mais tarde, quando enfeixou em volume a sua contribuição à matéria. Mas nada lhe foi debitado. Com a autoridade que só êle dispunha, à época, serviu-nos de novos elementos, utilisando documentação ainda mais me-

ditada, refundindo conceitos, explanando com visão mais dilatada, talvez.

A consideração que dispensava a êsses estudos, era o reforço de que estava a carecer a apreciação de Sílvio Roméro.

E' sabido que Tobias Barreto não via com bons olhos a lira popular. Situava-a num sub-plano de interêsse geral, derramando sôbre o mérito da inspiração plebéia o cálice de veneno do seu intelectualismo aristocratico. Para o autor dos "Estudos de Direito", a importancia atribuida à musa das ralés, não sendo mais que um "efeito transitório" da escola romântica, "é sem interêsse estético, porque nela em geral a beleza brilha pela ausência; sem interêsse histórico, porque o povo poetisante nada tem que ver com o processo evolutivo da história; sem interêsse psicológico-nacional, porque as canções populares, a despeito de tôdas as tentativas feitas nêste sentido, ainda não servem nem servirão, jamais, como traço característico desta ou daquela nacionalidade". E depois de afirmar que os cantos populares tedescos, por exemplo, só apresentam alguma valia estética, após o processo poetico de um Goethe e de um Heine, ou no campo melódico, em seguida à intervenção de um Weber, sustenta, com ironia, que "a poesia popular é uma digna irmã da soberania popular".

Pena é, realmente, que assim pensasse o sábio-mestiço patrício.

Na verdade, Tobias não fitava o ámago da questão. Encarava o assunto pelo aspecto negligente

dos sentimentos humanos. Tinha da matéria, apenas, juizo formado sôbre a origem dos fatos, e por bastarda que era, não lhe merecia maior atenção. Entregue, como se encontrava, na época, a especulações de sangue-real, preocupado, e mesmo absorvido pelas noções da filosofia evolucionista, que despontava, particularmente no âmbito do direito, não lhe restavam vagares para incursões de natureza aparentemente menos científica.

Êle não via, como mais tarde haveria de afirmar João Ribeiro, que as literaturas se avizinham, numa perfeita interdependência, e que se nutrindo de uma seiva comum, constituem a própria "unidade psicológica da civilização", donde os termos irredutíveis e a estrutura mesma da vida humana: a lingüagem, o direito, a moral, a religião e a arte.

O processo evolutivo é um só, e tem na fôrça motriz da "alma coletiva", que o mestre situa entre Lazarus e Wundt, o sôro vital das suas múltiplas manifestações.

Na dura tarefa que é a prática dessa ciência nova, o ponto nevrálgico está na diferenciação das origens, na distinção de certos marcos no labirinto da colmeia folclórica. No que respeita ao conto brasileiro, sustenta o emérito tradicionalista, que a aspereza da pesquiza consiste em distinguir, tanto quanto possível — e em não poucos casos o esfôrço é improfícuo -- se o motivo é "europeu, africano ou indígena". E dá, no seu "Folclore", falando-nos da conhecida "fábula da festa no céu", um admirável exemplo de perseverança, terminando por atribuí-la

aos gregos, ou mesmo aos hindus, dos quais, em lentas e consecutivas jornadas, passou ao ocidente.

Noutros escritos, e com a mesma autoridade, dilata-se sôbre o "lobishomem", a "baratinha", o "corvo e a raposa", o "jaboti e o veado", cujas origens vai surpreender nas regiões do Ganges ou do Nilo.

Esclarece-nos sôbre o "arco-iris", superstição não só encontradiça aqui, como em Portugal e Espanha, e também na Alemanha e na Grecia, nestes dois últimos paises, familiarizadá com os mitos de Loreley e Daidalé.

A corriqueira história da "mulher do piolho", afirma o mestre que não está só em Marie de France (século XI), tem, igualmente, acolhida em Romulus (IV ou V século).

Aprecia, do mesmo passo, nas suas profundas investigações da alma popular — a "alma coletiva", se quizermos ser rigorosos — os recreios infantis, e vê o nosso mesmo "pião" com os pirralhos da Hélade, e as nossas mesmíssimas bonecas com os petizes não só desta última, como também da antiga civilização peruviana.

Elucida-nos relativamente aos "mitos verbais", que apresenta como sendo entre outros o do "Judeu errante", e o dom de Santo Antonio de "restituir os perdidos". Lembra e aplaude as teorias de Laistner e Roscher, atribuindo aos "pesadelos" a origem dos demonios e a floração das hsitórias sobrenaturais.

No "Fabordão", associa, eruditamente, o teatro

sacro medieval a fontes folclóricas, e diz que antes dos "autos" usavam os clérigos os "tropos", feição dialogal "que da mistura e da escorralha das tradições populares revestiam aspectos novos e interessantes".

Estabelece a diferença entre a "nana" espanhola e as "cheganças" em uso no nosso país desde os tempos coloniais. A "nana" ou "nanita" — sustenta — "é apenas um **tropo** e vestigio da forma primitiva do **auto**. A **chegança** é já um **auto** caracterizado com a fizionomia da sua espécie".

Como quer que seja, era tudo obscenidade, e deu margem a que surgisse o famoso texto-libelo do "Romance Católico", onde se profligavam as atitudes heréticas dos claustros contemporâneos de D. João V...

Com referência ao estilo das representações da época, lê-se no traslado de mestre Ribeiro: "vil no Canto, vilíssimo no que se profere, e imensamente pecaminoso".

Nêsse simples trecho, uma réplica de fogo à conceituação do autor dos "Estudos Alemães".

O espírito popular, enredando a majestade da própria Igreja Católica! Definindo-lhe uma época. Sujeitando-a a um período de transição.

Como, pois, deixar-se de reconhecer nos engenhos da plebe, atavismos inevitáveis na escala da evolução humana?

O folclore sem "interêsse histórico"?

NA IMPRENSA

A obra histórica, a gramática e os estudos de folclore fôram os únicos trabalhos que lhe sairam da pena, de caso pensado, com definida planificação. Tudo o mais é obra de retalho, é obra de jornal. Admira, mesmo, como pôde ser reduzida a livros de valia incontestável, para leigos e eruditos, uma produção, tôda ela achada sob os imperativos de incontornáveis contingências financeiras. João Ribeiro escrevia, para o pão de casa. Mal aquinhoado como todos os que se subsidiam do magistério, era nas colunas dos periódicos que procurava o encontro de contas com os fornecedores. Sob as atribulações do "jour le jour", escrevendo em qualquer parte, na secretaria da Academia, na sala dos professores do Internato, no primeiro canto de mesa que se lhe deparasse, custa a crer, pudesse mestre João imprimir aos seus escritos, aquêle tom de sábias convicções, de tão ricos ensinamentos. Os "Estudos Filológicos", as "Notas de um Estudante", "Colmeia", as "Páginas de Estética" são obras distintas da nossa literatura, e no fundo não passam de vertiginosos rabiscos para o resgate do "pro-labore". João Ribeiro escreveu muito, muito. Talvez demais. Mas êle precisava escrever. Tinha que escrever. Era uma imposição da sua própria existência. Escreveu na "Época", no "O País", no "Correio do

Povo", na "Semana", no "Dia", no "Jornal do Comércio", no "Comércio de São Paulo", no "Correio da Manhã", no "O Imparcial", no "O Jornal", no "Jornal do Brasil" e no "Estado de São Paulo", só para êste último tendo concorrido com cêrca de quinhentos artigos! Somando-se a essa operosidade, verdadeiramente gigantesca, as colaborações da "Revista Sul Americana", da "Revista de Língua Portuguêsa", da de "Ciências e Letras", da "Revista Nacional", da "Revista de Educação", da "Academia Brasileira", da de "Filologia", que citamos por serem as principais, e mais os almanaques "Garnier" e "Alves", que dirigiu com inexcedível proficiência, temos uma idéia, apenas astronômica, do que foi êsse inveterado, êsse incorrigível jornalista, hoje responsável por uma bibliografia de aproximadamente sessenta volumes!

João Ribeiro, quase que se pode afirmar que escreveu por todos os plumitivos do planeta. E se não escreveu por todos, de todos, por certo, foi o que mais produziu. A influência do jornal na sua vida, era definitiva. E para que calculemos até onde iam os seus mimos com as folhas, é bastante a citação de um trecho de artigo seu na "Notícia", número de aniversário, do ano de 1906: "Se eu tivesse, porém, o dever de mostrar até onde a imprensa me seduz, mostrá-lo-ia com a minha própria experiência quando me vi longe dêste mundo que é o meu, vivendo em terra de estranhos. O jornal brasileiro que eu recebia era lido e relido até o tipo da linha final". Depois de descrever as impressões colhidas através do periódico, vendo um Brasil soberbo, portentoso, maior do que já era,

remata: "Era bem a minha terra, e eu a via ao pé da baía imensa onde tiniam as âncoras na lufa-lufa do trabalho, entre as boas-vindas dos que chegavam e os longos adeuses dos que partiam quando as gaivotas, as asas em V, pareciam ondas despregadas, agora aéreas, vivas e sôltas". E a nota pitoresca, que não falta jamais aos escritos de mestre João: "e eu entrevia de longe a ambição dos políticos disputando aquêle cetro babilônico, lá longe à beira do Atlântico"...

O jornal deu-lhe alguns ou mesmo muitos prazeres. Mas não o poupou de contrariedades. Foi na imprensa e pela imprensa, que encontrou o seu maior número de desafetos. Aí terçou êle armas com o impertinente Castro Lopes, com Pacheco Junior, Sílvio de Almeida, Antônio Sales, Solidônio Leite, e os dois astros de brilho excepcional: Leite de Vasconcelos e Carlos de Laet. Venceu a todos. Menos ao Laet, que já vinha de flamejar a espada com Camilo, o príncipe dos polemistas em língua portuguêsa. Mas não lhe guardou ódio, como de resto,a nenhum, tendo mesmo feito, e comovidamente, o elogio fúnebre dêsse impiedoso e incomparável sarcasta.

João Ribeiro não acreditava no jornalismo de idéias ou chamado literário. E afirmou: "Não há jornalismo para os que escrevem as seções mais ou menos literárias das folhas. Não há ou não querem que haja. Muito mais jornalista será aquêle que chafurdou na lama dos negócios e se perdeu, do que o que passou límpido recontando os sonhos e as fantasias inúteis."

Mucio Leão, na primeira série do livro "João Ribeiro," infelizmente não ultimado, defende ponto de vista contrário, e sentencia, depois de considerar "puro preconceito", o juizo do mais fecundo dos nossos periodistas: "Se fossemos aceitar essa idéia, teriamos que negar o titulo de jornalistas a alguns dos homens que, não sòmente no Brasil, mas também no mundo, mais altamente dignificaram a missão da imprensa".

A nosso ver, equivoca-se o brilhante ensaista. Mestre Ribeiro ao expandir-se nessa apreciação, não estava sendo verdadeiro. Subalterno ao seu celebrado espírito crítico, o que êle deixava transparecer, claramente, era a mágua de não serem, os jornalistas de idéias tomados na devida conta. Diz, realmente, sem subterfúgios, visando a classe dos cronistas literários, que não há jornalismo para os que animam semelhantes seções; mas logo em seguida, revela-se no seu amargo juizo: **Não há ou não querem que haja.** Nada mais significativo.

Bem sabia êle, pois, que era jornalista e dos melhores, dos mais capazes, dos mais identificados com o objetivo precípuo das folhas — ilustrar e esclarecer as multidões. Não foi, evidentemente, em pura perda que agitou, revelando, pelas colunas dos jornais, grandes nomes e subidas teorias da cultura universal. Nas suas crônicas, sempre voltadas para a linha ascencional do espírito humano, muitas idéias foram acolhidas, outras tantas expendidas e não poucas necessariamente investigadas ou debatidas. Os nomes de Einstein, Spengler, Keyserling, Paulo Kammerer, e muitos outros, tiveram guarida

nos seus eruditos vãos de página. Acompanhava a evolução da ciência, com a dedicação e a autoridade de que os seus constantes estudos lhe facultavam. Os centros de cultura como Heidelberg, Bonn, a Sorbonne, Iale ou Stranford, eram-lhe familiares, e das suas atividades dava, pelo noticiário jornalístico, as mais amplas e seguras informações. João Ribeiro era, por assim dizer, o cabo telegráfico das conquistas universais do pensamento. Os seus leitores tinham, nas seções especializadas, orientação sólida e esclarecida. Era o sábio a serviço das vinte e quatro horas fugaces da vida de imprensa. Tinha disso orgulho e não se fatigava, jamais.

Com o que não afinava, nunca, era com a nota sensacionalista e, por vêzes, insincera do jornalismo dos fatos políticos e administrativos.

Assim é que foi levado a declarar: "Quando começaram as guerras civis, desertei da imprensa; era cenário grandioso ou lúgubre de mais para um pobre **suonatore di flauto".**

A vida íntima dos periódicos êle a conhecia bem desde os tempos da província. Tinha nítidas, na lembrança, as misérias morais da "Voz da Razão", redigida por um paranóico, em sua terra natal. Os processos do padre Felix, também não lhe desatravancavam a memória. Dêsse foliculário, contanos passagens assás significativas. Traçando-lhe o perfil, escreve: "Era jornalista venal, corruptíssimo e perverso; o seu jornal era como o órgão fecenino da cidade por onde se dessoravam e escoavam as podridões morais. A sua especialidade era o doesto e a descompostura por dinheiro."

Mutatis mutandis, num regime livre, as rotativas não podem se afastar muito da norma. Para que um órgão de imprensa tenha público é preciso criar fama. A fama só vem das campanhas. E as campanhas muito menos que no interêsse público, estribam-se nos interêsses privados.

Ora, João Ribeiro conhecia muito bem tudo isso, e não se adaptava aos sistemas.

O seu jornalismo provinha do silêncio de seu gabinete. As notas do dia, colhia-as na leitura atenta dos livros e das revistas especializadas. Escrevia-as em qualquer parte, é certo, mas depois de as ter em caprichosa catalogação na retentiva.

Abandonava a sua biblioteca, apenas, pela necessidade material de ganhar a vida. Tinha que leccionar, e rabiscar no pandemônio das colaborações.

No mais, havia de ser aquêle mesmo Kant, de quem refere a genial passagem de Koenisgberg. O filósofo do "criticismo" não era dado à bulha. Para criticar a "razão", necessitava de repouso, de ensimesmamento integral. Todo ruido lhe parecia um sacrilégio. Até os galos que, com a sua enfeitiçante sinfonia, levaram Pedro a negar o Cristo pela terceira vez, até êsses inofensivos e inspirados madrugadores lhe eram infensos. Não podia ouvir-lhes os vocalises matutinos. Seguramente, sem temer nenhuma profecia, mas, porque lhe quebravam a unidade das meditações. Kant tudo faz, assim, para adquirir um galináceo de certo vizinho, que se comprazia em picar-lhe a paciência. Na impossibilidade, porém, da transação, transfere-se de sítio.

Tão inadvertidamente, contudo, que vai dar, em cheio nas proximidades de um presídio. E os detentos, em penitência — que sabe? — tardia, lustram-se de expiações elevando cânticos aos céus. Emanuel extertora com o acontecimento e, já então, por meio de austera missiva, solicita providências ao governador da cidade. E' que mesmo as preces, os pios rumores, golpeavam-lhe de morte o impossível retiro!

Na verdade, o silêncio, como se diz à boca popular, não chega a ser de ouro, mas é tudo, para quem necessita de abstrair-se ou sobrelevar-se às vulgaridades da vida terrena.

* * *

Mestre João, como o textualista despertado de seu "sono dogmático" pelas leituras de Hume, devia alimentar sérios ressentimentos com as circunstâncias que o compeliam a participar do vai-vem prosaico das formigas antropomorfas. Êle nascera, como Kant, apenas para os bulícios da investigação, para o **brouhaha** das especulações universais.

O destino irônico que o conduzia, porém, nos solavancos dêste mundo de abismos e arrependimentos, fê-lo jornalista, ou seja, uma folhinha humana, a despetalar-se na conquista dos suados direitos de cada dia.

Cataventos nas alternativas dos sopros, não nos cumpre senão viver **ut fata trahunt**...

AD IMMORTALITATEM

A Academia Brasileira de Letras foi fundada no ano de 1897, na redação da Revista Brasileira. Nasceu ali a instituição pròpriamente dita mas a idéia veiu à luz na "Semana", hebdomadário desaparecido em 1895. Lucio de Mendonça, Araripe Junior e Raul Pompeia, são, se assim se pode dizer, os pais do elevado cenáculo. Foram os primeiros a trocar opiniões sôbre o assunto. Lucio, de todos, talvez o mais enfronhado da necessidade dessa celebração, trabalhava o espírito dos confrades. José Veríssimo, na direção da Revista Brasileira, recebe, na rua do Ouvidor, a visita diária de Machado, Nabuco, Graça Aranha, Taunay e outros príncipes da literatura nacional. Medeiros que, por certo, e indiretamente acendera a flama dessa iniciativa no espírito do autor das "Meridianas", vai também tomar parte saliente no movimento de classe, e a Academia surge para glória e salvaguarda das letras indígenas. Eleito presidente Machado de Assis, à época e, ainda hoje, a mais elevada expressão dos pronunciamentos literários em nossa terra estava assegurada a respeitabilidade do futuro Petit-Trianon. João Ribeiro é do grupo, já escritor consumado, íntimo dos astros patrícios, mas não vê o seu nome na ata de fundação. Estava no momento mesmo em que ferviam as trocas de vistas, dando cumprimento à uma missão oficial na Europa. Sabe, lá, do su-

cedido, mas fica de fora. Tem que aguardar a primeira vaga. Noutras circunstâncias, seria penosa a espera. Mas, o elegantíssimo lírico dos "Sonetos e Rimas", já estava de malas para a jornada sem termo. E, num último gesto, fidalgo como soubera ser poeta, abre-lhe caminho. João Ribeiro candidata-se à "imortalidade". Mas não bastava candidatar-se. Teria que trabalhar. Terrível tarefa para o seu feitio. Ei-lo, ainda assim, em campo. E da intimidade reinante entre dois íntimos amigos, nasce a cerimônia do protocolo, exigida pela dignidade do sufrágio.

Um cartão de 4 de Maio de 1898, dá-nos a prova:

"Excelentíssimo senhor Lucio de Mendonça

À Vossa Excelência, cumprimenta e pede o seu apôio e voto na próxima eleição de membro da Academia Brasileira de Letras,

João Ribeiro"

Tangido, porém, da qualidade de "eterno", revive o hábito. E a correspondência baixa as suas águas ao nivel do coração:

"Caro Lucio

Deixei na Casa Rembrandt (rua Gonçalves Dias) uma pequena paisagem que lhe ofereço."

E a nota de simplicidade, que era um dos traços encantadores da personalidade do mestre: "Pague a moldura".

João Ribeiro não entrara de cabeça baixa, na Academia. Ao contrário. Vinha do Velho Mundo

e trazia idéias novas. Não achava que a instituição representasse o seu legítimo papel, nos moldes em que fôra organizada. Entendia que a Casa devia constar de duas seções: uma de dez acadêmicos, inteiramente devotada às letras; outra de trinta componentes, nutrindo-se dos demais ramos das atividades intelectuais: humanismo, jurisprudência, medicina, engenharia, jornalismo e belas-artes. Assim como à feição, talvez, do Instituto de França.

Mas, Machado era a luz suprema do templo, e não deixou andar a inovação. Ficaram nos quarenta membros sem especialidade, tal como se havia instituido. De resto, das amizades sólidas que formavam a galeria afetiva de mestre Ribeiro, não logrou jamais participar o mais céptico dos nossos escritores. A disparidade de temperamentos era neles sensível. João, alma aberta, singela, tôda feita de ternura e franqueza. Machado, recolhido, dúbio, orgulhoso e invencível prêsa da melancolia. Por êsse motivo, não avançaram, nunca, o marco da simples cordialidade.

Isso não deu, entretanto, para impedir que o autor do "Memorial de Ayres" tomasse a sua verdadeira posição em face do espírito sempre justo de João Ribeiro, que o tinha em subido apreço intelectual, afirmando-o, mesmo, como um legítimo reflexo da **imagem do gênio.**

Por uma dessas fatalidades que o esfôrço do crítico desfalece sem justificar, as verdadeiras afeições de mestre João, feneceram tôdas, ou quase tô-

das, por motivos fúteis. E, curioso, não partindo nunca, do erudito comentarista da "Floresta de Exemplos", as desalentadoras missivas de rompimento. Assim foi com Sílvio, com Veríssimo, com Mario de Alencar. Triste destino de um caráter reto. Mas que fazer? As circunstâncias assim o determinavam. Com Silvio, por atribuir êste a João as suspeitas de que fôra o mais irrascível dos nossos críticos o autor das acusações a Felisbelo Freire, governador de Sergipe. Com Veríssimo, por ter Romero o desancado, numa obra que compuzera de parceria com o vencedor de José Vicente de Azevedo Sobrinho, no prélio acadêmico. Com o filho de José de Alencar, por estomagar-se o autor de "O que tinha de ser", face à uma advertência de João Ribeiro, em prol do regimento da Casa.

As cartas chegavam, animosas, ao seu destino. Mas não mereciam resposta. Tudo infundado. Sensibilidades mal informadas. Irritações à flor da pele.

Alberto de Faria, outra prezada amizade do humanista, deveu a sua ascenção ao "fauteuil bleu", mais que tudo, aos esforços do ocupante da cadeira n.º 31. Companheiro de longa data, através de copiosa e sábia correspondência, achava mestre João que injusto era êle ainda não ter assento na Ilustre Companhia. E foi com êsse desejo ardente, que o intimou a reunir em volume o vasto material esparso, sepultado no anacronismo cotidiano das folhas.

Mas, como havia Alberto, de dar cumprimento ao "ukase"? Êle próprio ignorava o que vasara de melhor. E é nêsse transe que juntando a "grosso modo" algumas produções, remete-as ao amigo generoso, a quem autoriza expurgar e reduzir a "infolio", o aproveitável. "Aerides" chamou-se o livro e João Ribeiro foi quem prazerosamente, o intitulou.

O respeito mútuo, sensível entre os dois sabedores, vem talvez, de umas ponderações do biógrafo de Mauá, relativas ao uso **Victor, amigos!**, publicado nas "Frazes feitas" (1.ª série). João Ribeiro acata-as, e, no "Fabordão", faz-lhe justiça: "Em excelentes **Notas à margem** consagradas a modesto livrinho meu, pude avaliar o extranho e subido quilate do erudito escritor que é Alberto de Faria." Mais adiante, declara: "As suas cotas lançadas sem filáucia desvaneceram-me, fôssem emendas ou aditamentos; acréscimos ou inspirações novas com que se erguia o véu de novas perspectivas".

João Ribeiro, que já colhera seguidos aborrecimentos no vasto território da filologia, rejubila ao ter em Alberto de Faria, um capaz e leal competidor. E é assim que saúda o digno confrade: "Não há nada mais agradável do que essa colaboração simpática e serena, não enlaivada pelo azedume e pelos doestos obliquos da malquerença oculta."

O maior apreço literário ou acadêmico reservava-o, porém, para Raimundo Correia. Era nesse grande vate que êle concentrava, por assim dizer, tôda a sua admiração. Achava-o a suprema revelação da poesia nacional, assim como na prosa oferecia o trôno a Machado. Raimundo tinha mesmo uma influência decisiva no espírito do mestre. O "Fabordão", que, com as "Páginas de Estética" e a "Floresta de Exemplos" constitue, possívelmente, a mais agradável série das leituras ribeiristas, não deve o

seu batismo senão a um poema de igual nome, do celebrado parnasiano.

Dessa admiração resultou uma estima sólida, e com o poeta perdia, João Ribeiro, a noção das horas.

A seu pedido associou-se na filtragem das "Páginas Escolhidas" (seleção de trechos acadêmicos), e sòzinho figurou no frontispício da publicação, apesar de nela encontrar-se, embora em menor escala, a colaboração do autor dos "Primeiros sonhos", e de Mario de Alencar...

Essas "Páginas" muito enobrecem os autores, nomeadamente o signatário, pelo senso antológico, pela capacidade de apreciação e bravura de conceitos.

João Ribeiro, inimigo de discursos, extremunhando à simples enunciação do nome de Demóstenes, era orador de poucas palavras. Só falava por sentença, e embora versado em Quintiliano, fugia à retórica como o diabo da cruz. As suas duas páginas produzidas por fôrça do "regimento interno", no Instituto Histórico e na Academia Brasileira, passam por ser as duas mais reduzidas alocuções dêsses cenáculos. Como primeiro membro eleito à nossa mais alta instituição literária, onde foi recebido por José Veríssimo, disse pouco, mestre João, de Luiz Gúimarães Junior, poeta que já fôra, entusiasticamente, celebrado por Eça de Queiroz e Fialho d'Almeida. Mas o que disse, foi um primor de síntese. Depois de confessar que o lera vinte vêzes, para se "penetrar das suas paixões, para adquirir o

contágio da sua alma enamorada e pura", para se "embeber das suas idéias e do **seu modo de entender a vida**", traça uma concepção da suprema arte, e afirma: "A grandeza e sublimidade da poesia está em que ela repele quase o concurso árido e esterilizante das coisas; ela é, tôda ela, sonho e emoção; — emoção e sonho que para os outros desmaiam, se esvaem, ao primeiro sôpro da vida, mas que para o poeta, na agonia do poeta, por um mistério veemente e súbito, se petrificam tomados pela surpreza tempestuosa do rítmo que age como um estranho cataclismo." Por fim e seguida a uma certa dúvida, quanto a ser a civilização obra das "aristocracias intelectuais", acha que a literatura tem "uma grande significação humana e civil", e que a nós compete premuní-la das investidas malsãs, reservando-lhe "um asilo no meio de tôdas as convulsões. Senão um asilo, ao menos um túmulo digno."

* * *

Uma pena que tem conteúdo para tão profundos e amenos juizos, tinha, fatalmente, que ser a pena de um espírito transbordante de ternura. E João Ribeiro se encontrava na posse inconcussa dêsse espírito. Talvez se deva a isso, o fato de confessar-se um homem feliz. E Mucio Leão, que o conheceu muito de perto diz, nos seus magníficos "estudos críticos": "Aceitar as renúncias totais, resignar-se às resignações sem limites, eis os segredos da única alegria inalterável. Essa alegria João Ribeiro teve-a longamente, indefinidamente". E de fato, verdadeiramente a sério, nada lhe alterava o

ânimo. Pisava os seixos da vida sem sangrar. Os mais tortuosos e obscuros caminhos, pareciam-lhe veredas floridas e iluminadas. Vem daí, até, sentir saudades das injustiças... Êle tinha um perdão para todos os agravos. E o seu sorriso bom era a anistia de tôdas as horas. O processo de Sócrates foi uma lição universal. E da sua complacência ante os verdugos, nasceu o conceito de João Crisóstomo: "Nenhuma coisa tanto confunde ao mau, como a tolerância do que o sofre". Mestre Ribeiro, por seus ares taciturnos, era na Academia, um êmulo de Tomás de Aquino, que em algum tempo foi chamado o "boi mudo da Sicilia". Mas, como o chefe do aristotelismo-católico, tinha na ponta da língua o troco advertente, embora sempre generoso. E' que a linguagem dos "bois mudos" é também sempre mais meditada... O seu próprio ateísmo, soterrado pelo pendor espiritualista, vinha da verticalidade de uma estranha inteligência, que impetuosa e ardente, não vergava às condições da fé de Tertuliano, com o humílimo **credibile quia ineptum est.**

CONVICÇÕES DE ESTADO

EM política, muito variou também mestre João. Desde os famosos artigos sôbre "Democracia e Socialismo", publicados na "Revista Brasileira, em 1898, em que se declarava anti-republicano e feroz inimigo da democracia, até se acomodar na fôrma constitucional de 89, muito deu que fazer aos amigos e admiradores. Preliminarmente, João Ribeiro era monarquista. Êle via na coroa a segurança nacional. Receavá o esfacelamento da pátria e percebia nas atividades inicialmente um tanto caóticas da República, a porta aberta para o desmantelo. Mestre João amava o imperador. Para êle, tôdas as virtudes da nação fundiam-se na pessoa do monarca. Sofria do mesmo terrível mal de Henrique Treitschke, para quem, servir ao rei e à realeza era dar mostras de "sensatez e dignidade humana". Em 1900 escreve uma desalentada carta a Graça Aranha, e chega à insinuação de um possível exílio... Convicções políticas? Não. E voltando a Nabuco: "estados de espírito"... Era o mêdo, o pavor do pior, que atribulava a mente do professor Ribeiro. Êle tinha um programa, precisava trabalhar, e temia a confusão. E, curioso, no meio de tôda essa dedicação à côrte, não era a Pedro de Alcântara que êle venerava. Mas ao chefe da família real. O rei-filósofo, tinha-o até em segunda conta. E do poeta, traçava o mais chistoso dos retratos: "Fazia versos

pulhas, deixava que os publicassem, e só resgatava os seus crimes astronómicos-poliglóticos-físicos-químicos, por uma soneca invariável, que era bem o farto, o sossegado repouso de um justo."

Para João Ribeiro, que vinha centralisando em seu cérebro as mais preciosas adições de saber, a centralisação era tudo. O Império tinha o poder de centralizar a unidade da nação. Queria o Império. A tal ponto vão as suas convicções, que pugna pelo regresso imediato da família imperial. Entende que os republicanos receiam a inversão do sucedido em França, com Napoleão III, que foi imperador, depois de ter sido presidente da Republica. Dom Pedro seria, fatalmente, presidente, depois de ter sido imperador... Por que graça? Em função da sua honestidade, único requisito para a situação a definir-se.

O Império fôra, para João Ribeiro, a civilização branca, enquanto que a República parecia-lhe o primeiro passo do pardavasquismo nacional.

Tinha muito, em seu espírito, da concepção de Aristóteles, e achava que o mundo só devia "ser governado pelas **elites.**" Não acreditava na capacidade política do povo, quantidade amorfa do Estado. E, em parte, tinha as suas razões. A base da democracia pura terá que ser, sempre, o sufrágio universal, medida de legitimação que, em dadas circunstâncias não cumpre, positivamente os seus fins. E argumenta com solidez de conceitos, depois de aludir ao analfabetismo do povo "que favorece a corrupção e a tirania", assim como a sêde de poder nos partidos sem real expressão nacional, trabalhados única e exclusivamente por demagogos inescrupulosos, senhores da inocência popular, material plástico para tôda sorte de fraudes e mistificações.

Em determinado momento, afirma: "Os individuos muito populares são geralmente inferiores aos que não gozam dessa aparente fortuna. Há mais plebeismo que popularidade nos entusiasmos da multidão."

Em boa consciência, República e Império falam-lhe a mesma lingüagem. Não é pelos nomes, pelas denominações, é pela ordem, pela repousada organização do Estado. E' sua a definição de que "o poder não é precisamente a autoridade: àquele obedecemos de grado ou de fôrça; àquela a obediência só é possível quando emanada do reconhecimento de que a lei é a expressão do direito e da justiça."

Infenso aos movimentos revolucionários, êle que não fôra, nunca, militarista, em certa fase de sobressalto conjetura que, nas periclitâncias da ordem, a salvação está nas classes armadas. Mas logo vê o perigo das ditaduras, e já não tem para quem apelar.

João Ribeiro sofre, horrivelmente, com o pressuposto da anarquia. Êle, um espírito organizado por excelência, na aparente proteiformidade de seu caráter, teme a alteração da unidade nacional, e investe contra a democratização do país. No fundo, porém, compreende as razões da soberania popular. Arreceia-se, apenas, da incapacidade das massas, dúcteis e fáceis prêsas as mãos dos soberanos da República. A formação pacífica de sua mentalidade é que lhe dava êsses laivos anti-democráticos. Êle queria o progresso pela compreensão. A auto-

nomia, pela evolução intelectual do povo. Nada de violências ou reivindicações terroristas. Há-de escrever: "Nenhuma das coisas grandes da nossa história se fêz a ferro e fogo, e tudo se fêz pelo ascendente pacífico das idéias, dos sentimentos e da concórdia". E, embora, como historiador, manifestasse desprêzo pelas arremetidas cruentas, defende a anistia como um direito líquido, tanto mais aplicável quanto com ela se queira desmoralizar ou enfraquecer o processo da sublevação da ordem.

Políticamente, como confessa no que chama a sua "ingênua filosofia", o Brasil não reclamava, à época, senão "povoamento, comunicações e instrução". Instrução, sobretudo, para garantia da emancipação política.

Por aí se vê que em mestre João não havia o germe de um monarquista puro. O reino para êle era, apenas, a unidade; e o fiel da balança, o cetro imperial. A dinastia era coisa de pouca monta. O monarquismo do professor Ribeiro tinha, pois, que ser simbólico, oscilante, irremediavelmente paradoxal. E a natureza mesma dessa solidariedade à casa real é que explica a sua assinatura no famoso requerimento, enviado à Câmara dos Deputados, em 1894. Se redigido por êle, não culminaria nos têrmos em que fôra vasado. Mas Lucio de Mendonça não era homem de meias medidas, e pôs no documento tôda a fôrça de sua exaltação republicana. João Ribeiro subscreveu-o, com mais Manoel Timoteo da Costa, Raul Pompéia e Rodrigo Otavio, movido, é fácil de compreender-se, pelos seus conhecimentos históricos. Nada influiram, nesse passo, as suas convicções

ou melhor, as suas preferências políticas. Entre Pedro I, herói por motivos particularistas, numa Independência sem vibrações de sangue autóctone, e o alferes Xavier — êle era pelo martir, pela vítima de um ideal, com raizes no solo pátrio.

Se mais tarde vai sustentar opiniões que não corroboram essa ilusória feição anti-monárquica, é porque assinala os movimentos císmicos que de algum modo, convulsionam a administração de Campos Salles. Tudo isso denota que êle só quer uma coisa: a paz, a estabilidade, a garantia do poder constituido.

Conhecendo, de sobra, os perigos das perturbações partidárias, temia o desenvolvimento do virus em nosso solo, já regado de algum sangue rebelde. Escreveria: "A guerra civil, mormente na América que se diz latina, é uma doença endêmica que devora e empobrece o organismo com as suas lúgubres intermitências".

O moderno movimento político que culminou nos acontecimentos de 30, não encarava, igualmente, como feliz associação de fôrças. A aliança de Minas com o Rio Grande do Sul parece-lhe um expediente híbrido. E a êsse respeito, já um tanto identificado com as necessidades do jornalismo de nossos dias, pontifica, abertamente, alimentando nas colunas do "Estado de São Paulo", uma seção doutrinária — **O Apolista** — e outra no "Jornal do Brasil", onde expende os seus pontos de vista.

Acha que o Rio Grande não dispõe da devida madureza para as inculcações da governança da

Nação, encontrando, porém, acentuada harmonia no intercâmbio entre São Paulo e as alterosas. Classifica as características de cada uma dessas unidades da federação, e vê, no primeiro, a fôrça criadora, contrabalançada pelo espírito liberal e o amor às tradições, da segunda. Preconiza o critério das sucessões alternadas entre o P. R. P. e o P. R. M. Fugir dessa norma é, para mestre João, expor o país a verificações duvidosas e que, de permeio com outros inconvenientes, poderia produzir a alteração do rítmo político já aclimado às tendências da família democrática indígena.

Nessa altura, êle já não acha que o cenário seja "grandioso ou lúgubre de mais para um pobre **suonatore di flauto**". E' verdade que a situação não tem analogias com a que, na tomada de contas do século passado, o levou a recolher ao estojo a sua adestrada pena. Contudo, esgrime na feição jornalística que não reconhecia como uma resultante de seu temperamento. E' intrépido, oportuno, eficaz. Escreve com o desassombro de verdadeiro sociólogo. O seu gênio, por êle mesmo classificado de apolítico, surge na refrega com impetuosidade estranha aos simples animadores de registros literários. Inflama-se, opina, reivindica, esclarece. Os seus artigos ganham côr local e despertam interêsse inra. Sobretudo, a opinião do conservador.

Rigorosamente, João Ribeiro não é contrário à evolução dos trâmites democráticos, não é amigo da fraude e muito menos propugnador de um regime em desarticulação com as premências da realidade nacional. Êle não é um chavão político nem deseja obstruir o progresso natural da pátria. O que teme nos pruridos revolucionários, ou mais brandamente, reformadores, dessa época, é o atentado à ordem, ao poder constituido.

A Aliança chamada Liberal parece-lhe qualquer coisa, não referendada pelo tempo, pela experiência, que o pensador considera indispensável ao pronunciamento da razão. Receia a defecção da autoridade, e condena a adulteração do uso. Já fôra assim, na transmissão do Estado a Deodoro. Continuava temeroso ainda aqui. Tudo uma questão de disciplina, dos justos lugares. A vetustez do republicanismo repousada no tirocínio de Minas e São Paulo, afigurava-se-lhe tão intangível quanto os quarenta e nove anos de reinado de Pedro II.

Positivamente, João Ribeiro era o advogado do direito adquirido, o patrono do tempo. As inovações no campo político punham-no em pânico. Não era homem de deserções e muito menos um **profiteur.** Habituado a agir e a sentir sob os imperativos de uma definição, não ousava sobrepor-se e profligava os intuitos predatórios. Tudo devia provir de seu temperamento desambicioso. Vivia para os estudos não perturbando a tranqüilidade beatífica dos seu raciocínios senão para identificar-se com uma nova ordem de conhecimentos. Êsses, contudo, não se distinguiam por prioridades políticas. Ao revés, a "filha da moral e da razão", participava em escala ínfima, das suas diuturnas apreensões.

Em essência, êle era, apenas, o genio da especulação filosófica, das ciências de interpretação, dos

labores didáticos. Acabamento de gabinete, não afinava com as tropelias. A rua, dêle pouco se beneficiava. Dela, tinha, simplesmente, a noção geométrica das linhas, o sentido longitudinal dos horizontes. Os frêmitos populares não encontravam éco na montanha do seu conservadorismo quase estatuário. Desamando os imprevistos, repudiava as situações de expectativa. O seu devotamento jornalístico, pois, no exame minucioso das razões de 30, explica-se pelo pavor que a ante-câmara dessa deflagração lhe estava a gerar no espírito. Mas uma vez convencido de que o fantasma não era tão feio como êle próprio o pintava, que a unidade nacional permanecia intangível, volta à paz das suas convicções e trabalha sem receio. Em 33 já estaria a ponto de sentenciar: "A República Federativa é já inextirpável. Viveu e viverá incólume, quaisquer que sejam as tentativas de destruição que experimente."

* * *

Os erros de visão de mestre Ribeiro, no campo político, foram, como nos é dado ver, aos pares. Mas, sem ser um genio no trato da coisa pública, encontrando-se, mesmo, muito longe disso, pôde, ainda assim, vislumbrar nas brumas do futuro acontecimentos de corpo presente. No vigor dos anos, defendeu a tese de que o isolacionismo na América seria uma medida anti-americana. "Ou a América será cosmopolita e humana, ou não será.. Aí está o pan-americanismo de nossos dias. Mais tarde, ainda havia de prever com o advento do nazismo e do fascismo, desafogo para as relações internacionais da esquerda. Aí está o colosso de Moscou, a cambiar por Volgas de líquido vital, os direitos novos da República Socialista.

Que mundo, que mistério insondável é a sensibilidade, o tato profético da espécie raciocinante!

O GERMANISTA

NÃO terminarei sem uma vista d'olhos no germanismo de João Ribeiro. É sabido que o seu cérebro, Meca das mais variadas ordens de cultura e ciência especializada, muito deveu, nos seus resplandores, à corrente imigratória do pensamento teuto. Mestre João rendeu preito à cultura germânica, e dela teve, por assim dizer, o melhor da sua estrutura mental. Aí, quer parecer-me, pela primeira vez se apresenta a sua individualidade inteiramente conforme, admiràvelmente coerente. Não vejo como se censurar essa , aliás, preciosa contribuição ao seu espírito. Beneficiário direto do chamado "movimento do Recife", não poderia êle esquivar-se às leis fatais do determinismo ambiencial. Tobias disseminara o germe da cultura alemã no bloco do nordeste, e João Ribeiro, apenas uma geração atrasado na cronologia barretiana, mas ainda alcançando, na sua melhor expressão, o ritmo acelerado das idéias de 70 teria, por fôrça, que ceder à pressão dos elementos. A região estava, a rigor, contaminada. Outras destacadas personalidades já se tinham deixado colher pela voga. Sílvio Romero, José Higino, Clovis Bevilaqua e muitos mais eram germanistas de truz. Mestre João, ávido de saber, ancioso de cultura, teria que pautar os seus cometimentos livrescos pela palavra de ordem do mais desassombrado dos pensa-

dores patrícios. De resto, o germanismo de Tobias era eminentemente teórico, e não forçava os limites da abstração intelectual. Contrapondo-se à cultura francesa, comprometida com o desastre de Napoleão III, e derramada pelo sul do pais, o alemanismo do autor da "Jurisprudência da Vida Diária", era apenas a alvorada do novo padrão cultural, impôsto ao mundo pelo advento já triunfante do evolucionismo. Enquanto, no conglomerado meridional do império, com o término da campanha de Lopez, toda a preocupação era de natureza política, mais voltada para os problemas econômicos, a questão da escravatura e a arregimentação republicana, — no setentrião as coisas se passavam de maneira inversa. Antes do negro, queria a "escola do Recife" emancipar o espírito nacional. Tornava-se mister dar-lhe uma nova provisão de conhecimentos. Era imperioso identificá-lo com as novas diretrizes, que abriam caminho por entre as já sediças concepções artístico-filosófico-jurídicas. Já não mais vibravam as liras de Shelley, Byron, Musset, Vigny ou Lamartine. Como "salvado de incêndio", no turbilhão que varreu a poesia intimista, da dor individual, apenas Victor Hugo, na fase das reivindicações sociais. De curta duração foi, porém, o seu reinado. O polvo do naturalismo científico e do evolucionismo, logo haveria de fazer sentir os seus tentáculos. E, às espumosas praias do norte vão bater, com a desatinada impaciência dos destroços, as teorias do mundo verdadeiramente científico, atraídas pela gula insaciável de Tobias. Da-se a renovação do panorama mental. O intelectualismo monista de Haeckel e Noiré inunda o cérebro do espadachim dos "Ensaios e Estudos de

Filosofia e Crítica", livro que rigorosamente assinala a sua transição de pensador. De logo assimilando Von Ihering e Savigny, desfralda, no mastro da consciência nacional, a bandeira do novo direito baseado nas verificações históricas, submetido ás leis da evolução. E amparado na "equação de condições" da vida, de Humboldt, reclama para êsse mesmo direito uma feição estritamente filogenética. Se Tobias Barreto fôsse um Tobias qualquer, nada disso teria grande importância. Mas sendo o cérebro superior que o soube ser, e exercendo sôbre os seus contemporâneos uma tutela espiritual sem par nos anais da nossa cultura, o germanismo barretista, puramente intelectual, exclusivamente científico, sem veleidades políticas ou superstições étnicas, teria que enredar, como enredou, o pugilo de praticantes da inteligência, que dêle recebia luz e calor. Em última análise, a febre tedesca, que acelerou o pulso do grande publicista, não era nem podia ser uma obtusão. Quando Tobias despertou para o alemanismo, já o mundo por sua mais representativa aristocracia mental se manifestara pela nova ordem de coisas. Entre outros, Mme. de Stäel, Vitor Cousin, Carlyle, de Sanctis, George Brandes, Taine, Renan e Littré, já haviam depositado nas urnas o seu voto pela cultura saxônia. O próprio historiador britânico da Revolução Francesa não recomendaria, em carta, a Emerson, que estudasse alemão, ao menos para conhecer Goethe no original?

Pois foi de um ambiente impregnado dessa germanofilia transcendente, sem arianismos sacrílegos e covardes campanhas submarinas, que surgiu e se corporificou a orientação científica de João Ribeiro,

o benjamin da equipe recifense. Versado no idioma teuto, dêle tirou senão tudo ao menos as mais substanciosas reservas do seu opulento celeiro de sabedoria humana. E nem podia ser de outra maneira. Era a fatalidade científica daquele fim de século. João Ribeiro, como os demais, se vira colhido pelo vendaval do interêsse que, em todo o mundo civilizado, despertara a nova arregimentação cultural germânica. Invadindo a Inglaterra, a França, a Itália, a América do Norte e mesmo Portugal, era natural, naturalíssimo, que aqui também se fizesse estimar. Não nos esqueçamos de que o Código Civil do Império nasceu predestinado a exercer no mundo uma influência tão sensível quanto o de Napoleão. O direito alemão — ridículo paradoxo nos dias atuais! — revolucionava o orbe e em nenhuma parte, onde u mtemplo se erguesse em louvor de Themis, se praticaria justiça que não fôsse repassada do superior espírito forense germânico. Era o evolucionismo integral. A renovação do pensamento e dos sentimentos humanos. A arrancada para a filogenia, numa palavra — a biogenética das ciências sociais. No campo filosófico, no jurídico, e até nas artes, com a eleição dos "lied" — sangue, por assim dizer da alma popular — em motivos poéticos e sinfônicos. Não importa, porém, o que o nosso mestre conhecesse de Hegel, Kant, Nietzche ou Schopenhauer. Êle foi sempre brasileiro, e mais que isso, um brasileiro com coração de sertanejo... Era tão nosso, que estando, certa vez, em Berlim, fundou uma revista: o "Novo Mundo". E nela se ocupava de coisas do Brasil! A cultura alemã foi, assim, para o seu espírito, apenas o trigo intelectual, como o

tivera sido, guardadas as proporções do momento, para o chefe e discípulos da escola por Carlos de Laet cognominada "teuto-sergipana".

Como se vê, um germanismo científico, absolutamente inofensivo.

* * *

Acredito que pouco tenha adiantado com êstes escritos. Mas, sinto-me em paz com a minha consciência. Dêles, espero, não se utilizará o mestre, para reavivar a sua queixa, respondendo aPlínio Barreto: "Sinto que todos passam sem mim e nem sequer me faço lembrado no tumulto das superstições modernas". Não, êle não está esquecido. Nunca esteve. Ao contrário, anima-se, vive sempre presente, como hóspede de honra que é de nossa memória. Nele hão de pensar, perenemente, e hão de guardá-lo na mais elevada conta todos quantos, nêste planeta de sucessivas máguas e eternas consumições, tenham de sua luminosa trajetória tido notícia!

Gerson, na Universidade de Paris, disse encontrar, em Boaventura, o modêlo do doutor, pela profundeza, solidez, justiça e edificação de sua individualidade. Parafrasearei o reitor, reivindicando o mesmo perfil moral para o nosso mavioso, tolerante, disciplinado e sábio mestre João Ribeiro.

* * *

Que os mais autorizados definam, daqui por diante, as linhas do seu monumento biográfico.

FIM

ALGUMAS OPINIÕES SÔBRE O AUTOR

BONECOS QUE SANGRAM

Não abusando da introversão psicológica, o snr. Carlos Devinelli sabe aproveitar-se do que há de simples e ao mesmo tempo significativo no mundo exterior.

Agripino Grieco

O snr. Carlos Devinelli é um prosador que tem indiscutivelmente o senso da composição dos episódios e conduz a frase sem dissonâncias e cacofonias.

Boletim de Ariel n.º 7

Todos os casos que motivam os contos ou capítulos do romance têm tal cunho de vida e de verdade que, se não aconteceram, poderiam ter acontecido.

Fabio Luz

Carlos Devinelli pode ser incluído entre os escritores com que passa a contar a nova geração, — pelo seu talento, pela sua bem cuidade cultura literária e, ainda de modo bem definido, pela sua sinceridade artística.

Mario Jesé de Almeida

Espirito intranquilo de esteta, observador arguto e comentador mordaz, Carlos Devinelli focalizou, magistralmente, nas páginas do seu livro, os aspectos tragi-cômicos da sociedade burguêsa.

Mario Cordeiro

O fulgurante jornalista que é Carlos Devinelli, estendeu às páginas do livro a sua admirável capacidade de escritor. "Bonecos que sangram" é, decididamente, um trabalho de mérito, cuja publicação deu ao seu autor os devidos títulos na literatura.

C. C. "A Pátria"

Livro feito com carinho, inteligência e sobretudo com originalidade, o trabalho do conhecido jornalista empolga pela precisão da idéia, a sinceridade de dizer, o desassombro de pensar.

"Jornal do Brasil"

Livro forte, bem feito, profundamente humano.

"Fon-Fon"

Carlos Devinelli, que acaba de estrear, vitoriosamente, como "conteur" de rara originalidade, lançou o livro "Bonecos que sangram", incontestavelmente um dos sucessos literários do ano.

"O Cruzeiro"

Os seus contos são de um realismo cruel e por vezes inquietantes. Todos, porém, revelam a perspicácia e a

agudeza de um analista que se compraz em exibir estranhos caracteres, para dissecá-los, voluptuosamente, com o bisturi dum estilo ductil.

Nobrega de Siqueira

E' ágil, interessante, original, no seu estilo pessoalissimo. Carlos Devinelli, habituado a outros triunfos, estreou, brilhantemente, como escritor.

Miranda Reis

Um escritor que não procura a "sensação", brincando com as sensações é, indubitavelmente, um artista sugestivo. E Devinelli realiza êsse milagre.

Ramayana de Chevalier

"Bonecos que Sangram", novo na forma, na imagem, no colorido da linguagem e sobretudo na maneira com que o seu autor sabe plasmar a idéia, é bem uma lição, uma advertência a todos nós.

Gastão Pereira da Silva

Um animador de personagens múltiplos, estilizando na feição da mímica impecável, os transtornos de tôdas as emoções.

Alvaro Ladeira

Sob aparente simplicidade, êste livro preludia a sinfonia dramática da vida humana.

"Meio Dia"

"Bonecos que sangram" são páginas de verdade insofismável, flagrantes que os olhos dos leitores entendem logo.

"Revista da Semana"

.....

POLÍTICA BRASILEIRA

Procurando fazer a síntese e a crítica da política brasileira, o snr. Carlos Devinelli emite conceitos muita vez corajosos em relação a homens e fatos dêste país. Todo o livro está cheio de juízos arrojados, que nalguns pontos poderíamos dizer temerários, mas que revelam uma grande coragem e sobretudo uma rara probidade intelectual.

Lemos Brito

O valor do seu livro, pelo menos o maior, está no que êle revela relativamente aos conhecimentos históricos do autor; no que deixa transparecer quanto à sua honestidade no apreciar os fatos, conservando-se acima dos seus próprios sentimentos de simpatia, analisando-os sem deturpar-lhes a verdade, ou trocar-lhes o sentido.

V. Paula Reis

.....

MUNDO INTERIOR

(Imprensa Paulistana)

E' uma notável comédia, de alto valor literário e pos-

suidora de rítmo, de harmonia, de beleza humana e de qualidades cenoplásticas requeridas pela moderna técnica teatral

Hegio Sarmento, O Dia, 9-5-42

E' menos uma peça para o que comumente se chama de grande público do que uma obra para ser apreciada por espectadores de categoria.

Lima Santana, Diário da Noite, 30-4-42

Carlos Devinelli compôs, com "Mundo Interior", uma comédia de gênero sério e elevado.

Polilo, Fôlha da Manhã, 1-5-42

E' obra que recomenda o seu autor e que merece ser conhecida.

Polilo, Folha da Manhã, 1-5-42

A peça está apresentada com elegância de forma e tem qualidades que a recomendam como teatro de tese.

L. S., Diário de São Paulo, 30-4-42

.....

ROSA DE JERICÓ

E' uma comédia leve que tem situações interessantes e que o autor explora com graça sempre crescente.

Oswaldo Moles, Folha da Noite, 9-5-42

.....

FUNDAMENTOS DA ARTE DE REPRESENTAR

Trabalho que a gente lê com absoluto encanto. Carlos Devinelli sabe expor o que pensa e expõe com simplicidade, com clareza, sem tom dogmático e com profundeza de conhecimentos. Os conceitos que explana nessa conferência são de bôa estirpe e precisam ser levados em consideração.

Viriato Correia

Agradeço o exemplar de sua conferência, que li com muito aprêço.

Claudio de Souza

Cumprimento, atentamente, e agradeço a oferta de sua bela conferência sôbre arte de representar.

Levi Carneiro

ÍNDICE

Missão dos novos 9
O sábio 17
Singularidades 23
O problema pedagógico 31
Nos domínios da história 57
No campo filológico 65
Entre as musas 71
O folclorista 77
Na imprensa 85
Ad immortalitatem 93
Convicções de Estado 101
O germanista 111
Algumas opiniões sôbre o autor 117

Gráfica Santo Antônio
— Rua do Núncio, 64 —

Problemas de Cultura Contemporanea

ZELIO VALVERDE apresenta uma nova coleção de livros de ensaios:

I — A IGREJA E O NOVO MUNDO, de *Alceu Amoroso Lima* (Tristão de Athayde)

Livro notável, em que o conhecido "leader" do pensamento católico brasileiro focaliza os principais aspectos da posição da Igreja diante dos problemas e dos conflitos do tempo presente.

Preço..... Cr$ 15,00

II — HOMENS E TEMAS DO BRASIL, de *Afonso Arinos de Melo Franco*.

Coletânea de ensaios sôbre história, sociologia e biografia do brilhante ensaista e escritor mineiro. Um livro cheio de vida e de inteligência.

Preço..... Cr$ 10,00

À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS

Edições da

LIVRARIA ZELIO VALVERDE

Seção de varejo:
Travessa do Ouvidor, 27 (loja e 1.º andar)

Seção de atacado e escritório:
Rua do Lavradio, 60 (loja e 1.º andar)

Caixa Postal n.º 2956

RIO DE JANEIRO

Pedidos pelo Serviço de Reembôlso Postal

Problemas de Cultura Contemporanea

ZELIO VALVERDE apresenta uma nova coleção de livros de ensaios:

I — A IGREJA E O NOVO MUNDO, de *Alceu Amoroso Lima* (Tristão de Athayde)

Livro notável, em que o conhecido "leader" do pensamento católico brasileiro focaliza os principais aspectos da posição da Igreja diante dos problemas e dos conflitos do tempo presente.

Preço..... Cr$ 15,00

II — HOMENS E TEMAS DO BRASIL, de *Afonso Arinos de Melo Franco*.

Coletânea de ensaios sôbre história, sociologia e biografia do brilhante ensaista e escritor mineiro. Um livro cheio de vida e de inteligência.

Preço..... Cr$ 10,00

À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS

Edições da

LIVRARIA ZELIO VALVERDE

Seção de varejo:
Travessa do Ouvidor, 27 (loja e 1.º andar)

Seção de atacado e escritório:
Rua do Lavradio, 60 (loja e 1.º andar)

Caixa Postal n.º 2956

RIO DE JANEIRO

Pedidos pelo Serviço de Reembôlso Postal